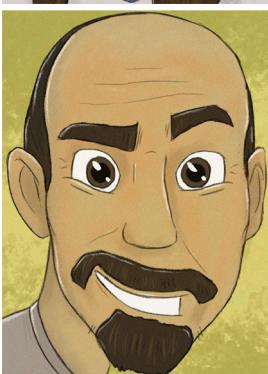
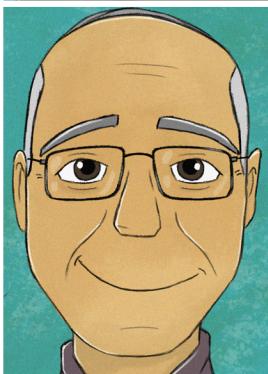
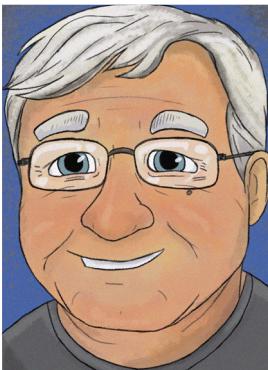
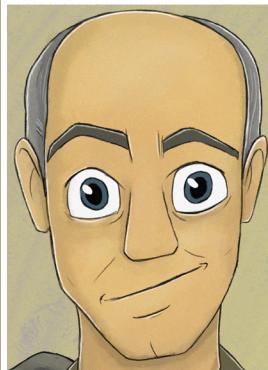


Rafael Delcourt
Renato Pirani Ghilardi
organizadores



CRÔNiCAS DA PALEONTOLOGiA BRASiLeiRA





CRÔNICAS DA PALEONTOLOGIA BRASILEIRA

**Rafael Delcourt
Renato Pirani Ghilardi
organizadores**

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA**

© autores, 2022

HERMÍNIO ISMAEL DE ARAÚJO JÚNIOR
PRESIDENTE**ORGANIZAÇÃO**Rafael Delcourt
Renato Pirani Ghilardi**RENATO PIRANI GHILLARDI**
VICE-PRESIDENTE**EDIÇÃO**

Editora Letral

VICTOR RODRIGUES RIBEIRO
1º SECRETÁRIO**REVISÃO**

Ronaldo Machado

ANA MARIA RIBEIRO
2ª SECRETÁRIA**ILUSTRAÇÕES E CAPA**

Jhonny Pauly

FERNANDO HENRIQUE DE SOUZA BARBOSA
1º TESOUREIRO**PROJETO GRÁFICO**

Equipe Letral

FRANCISCO RODRIGO NEGRI
2º TESOUREIRO**DIAGRAMAÇÃO**

Roberta Santana

SANDRO MARCELO SCHEFFLER
DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C156 Crônicas da paleontologia brasileira / Organizadores Rafael Delcourt,
Renato Pirani Ghilardi; ilustrações Johnny Pauly. – Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2022.
96 p. : il. ; 16 x 23 cm

ISBN 978-65-87422-20-6

1. Paleontologia – Brasil. 2. Crônicas brasileiras. I. Delcourt, Rafael. II. Ghilardi, Renato Pirani. III. Pauly, Johnny.

CDD 560

Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Luiz Eduardo Anelli

5

ASSIM FOI... ASSIM É...

Setembrino Petri

9

ENTRANDO PELO CANO... LITERALMENTE FALANDO

Antonio Carlos Sequeira Fernandes & Rafael Costa da Silva

14

OSTRACODOLOGISTA - Um evento contingente na VIDA De Um GAROTO SONHADOR

João Carlos Coimbra

20

A KOMBi, A ANTA e A CAIXA D'ÁGUA

Mírian Pacheco

25

VALE MAIS UM PTEROSSAURO NA MÃO, DO QUE FOLHAS DE GINKGO VOANDO!

Flaviana Jorge de Lima

33

PESQUISANDO ENTRE FOLHAS e FACES DA LUA

Fresia Ricardi-Branco

40

VOCÊ É GRANDÃO...

Max Cardoso Langer

47

**TRABALHO DE CAMPO, MISTICISMO
e EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Vladimir de Araújo Távora

50

PERNAS TROCADAS

Rafael Delcourt

55

**"CAUSOS" De UMA PALEONTOLOGA -
ALGUMAS [BOAS] HISTÓRIAS!**

Renata Guimarães Netto

61

O VINHO, A TEMPESTADE e A GALINHA MORTÍFERA

Renato Pirani Ghilardi

69

A FOTO

Alexander W. A. Kellner

75

A BARATA ASSASSINA DO PANTANAL

Sergio Alex Kugland de Azevedo & Luciana Barbosa de Carvalho

88

O LEILÃO DOS NUDES

Sergio Alex Kugland de Azevedo

93

PREFÁCIO

Luiz Eduardo Anelli

Parafraseando Euclides da Cunha, é perfeitamente justo afirmar que “o paleontólogo é, antes de tudo, um forte”.

Dirigir uma kombi ou uma camionete velha por centenas de quilômetros até regiões onde rochas com fósseis apareçam na superfície e então as martelar dias seguidos, não é exatamente o que as crianças sonham enquanto caminham até o parquinho para procurar coisas na areia. Coletar, anotar, fotografar e embrulhar centenas de amostras sob o sol dos trópicos enquanto o suor misturado com filtro solar encharca os olhos, nem de perto lembra o que se vê nos livros. Após dias de trabalho árduo, nem sempre felizes com os resultados e 13 pernoites no hotel muito diferente daquele imaginado, professores e alunos se preparam para o retorno com a certeza de que as sequelas deixadas pelos fósseis quebrados por descuido ou falta de sorte ainda os irritarão por meses. Enfim, no domingo da volta para casa, carregados com a preciosa carga e preparados para os 600 km até a universidade, o eixo dianteiro se parte. O mecânico, a cinco horas dali na cidade mais próxima, só trabalha na segunda e já avisou que não dá nota fiscal.

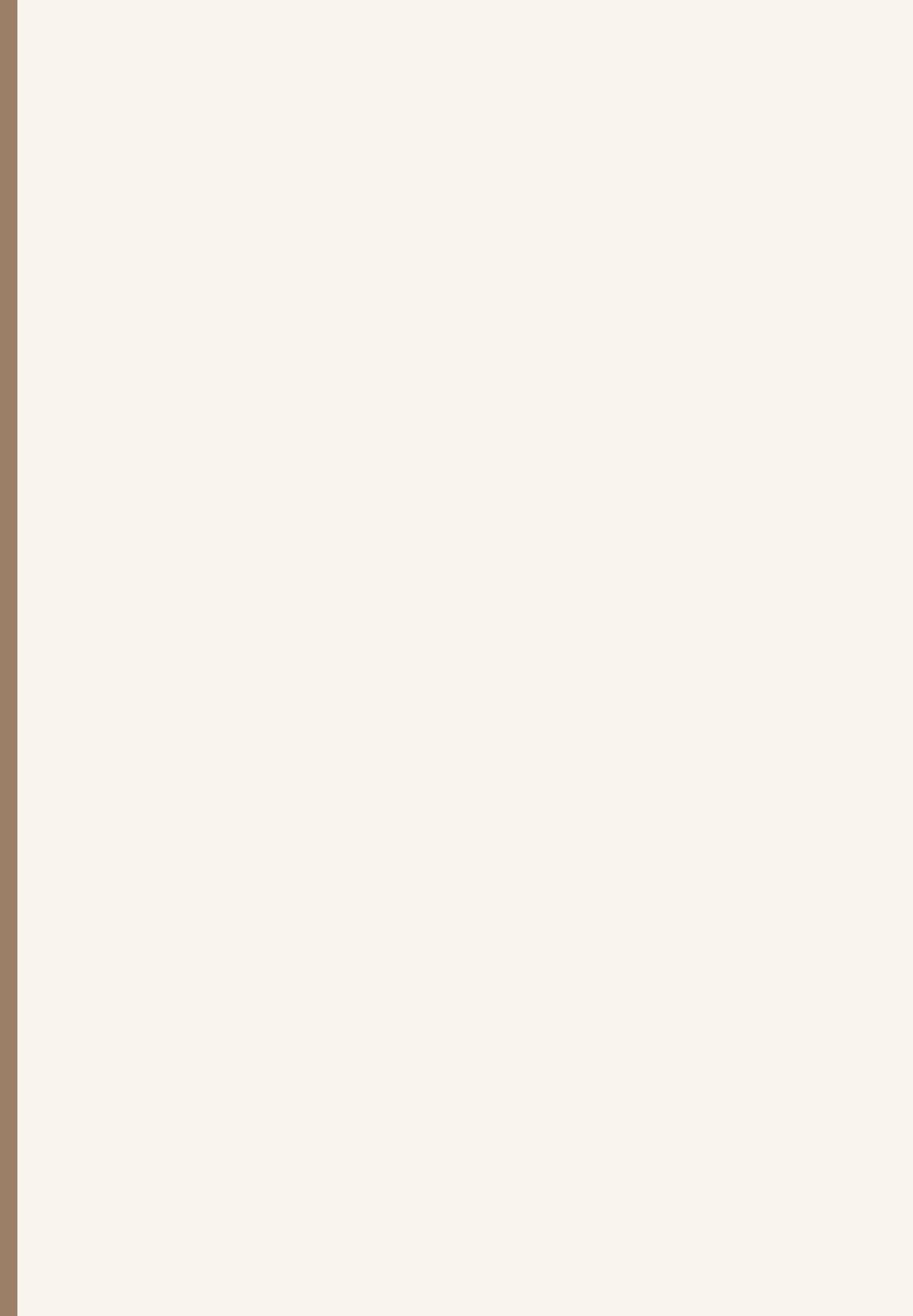
Cerca de dois ou quatro anos mais tarde, após meses diante de bancadas repletas com fósseis, dias atrás de uma lupa e centenas de horas diante de um computador, a história da Terra e da Vida guardada nas rochas há bilhões de anos faz sua viagem de volta ao presente.

A paleontologia é atualmente uma ciência histórica moderna, insubstituível, imperativa e fundamental para a cultura de um país, para os geólogos que procuram os segredos da Terra, para os biólogos que desejam entender a emaranhada evolução da vida e para crianças e jovens que amam a vida pré-histórica. Tudo o que hoje nos envolve, incluindo a diversidade biológica, a geografia, o clima, as diferentes paisagens, os oceanos e a atmosfera, tem suas raízes no passado milhões, bilhões de anos atrás. Os paleontólogos nos contam a história do mundo.

Neste livro, paleontólogos e paleontólogas brasileiros, das gerações mais antigas até as mais jovens, expoentes da paleontologia mundial, estudiosos que há décadas nos desvendam nosso maravilhoso e rico patrimônio cultural, nos falam do seu cotidiano, nos contam as suas próprias histórias. Notáveis, assim como Euclides, bem que merecem no futuro ter seus nomes gravados no Livro de Aço dos heróis e heroínas do Brasil.



CRÔNiCAS DA PALEONTOLOGiA BRASiLeiRA





Setembrino Petri

ASSIM FOI... ASSIM É...

Em uma tarde de sol, em pleno inverno, estava lendo tranquilo na minha poltrona preferida quando recebi um convite de um colega, Renato Ghilardi, para escrever algum aspecto dos bastidores da minha vida acadêmica. Claro que tenho muitas histórias, afinal são 77 anos trabalhando. O difícil é escolher a história que eu gostaria de contar. As histórias que eu mais gosto já estão publicadas em *Setembrino Petri: do Proterozoico ao Holoceno*, livro organizado por meus colegas em minha homenagem. Fiquei pensativo... Em alguns momentos percebia o prazer vindo de um convite tão inesperado e,

em outros, não sabia como escreveria algo não científico para publicar. Primeira vez na vida seria posto de frente a um papel sem pensar de forma acadêmica. Mas, para sempre, enquanto vivemos, há uma primeira vez! Desafiado nesta aventura não geológica, fui dormir. Sonhei que chegava ao Estado do Paraná, onde fiz meu doutorado. A lembrança dos campos de araucárias, trazida de volta em sonho, me conduziu a uma viagem pelo tempo. Em alguns minutos dos meus 98 anos, vivi de novo os meus 23 anos.

Estava em 1945.

Havia me formado na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras em 1944. O clima tenso dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial tingia o nosso cotidiano de uma aura de preocupação, trazendo profundas incógnitas sobre o futuro; éramos ocupados por um senso de responsabilidade, talvez pesado demais para a nossa idade. Na época, havia em média 10 alunos em cada classe. Não havia espaço para reclamações, intrigas ou preguiça, pois compartilhávamos um sentimento comum em iniciar a história da geologia no Brasil. Nossa história profissional em comunhão com a história da USP nos enchia de emoção e de coragem, estreitando os nossos laços de amizade. Meus colegas e amigos desta época ainda estão comigo nos meus pensamentos mais recônditos. Quando os mais festeiros queriam organizar algum evento social, era necessário convidar a USP inteira para que atingíssemos algum quórum digno de uma festa; e foi assim que muitos destes meus amigos encontraram suas companheiras de vida.

Enfim, logo que me formei, em janeiro de 1945, fui trabalhar no Instituto Geográfico e Geológico da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Em agosto daquele ano, o Professor Kenneth Edward Caster foi contratado por 3 anos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para ocupar um lugar que ficou vago quando o Brasil entrou na guerra, tendo como efeito, por razões políticas, o afastamento dos professores italianos. Como Caster precisava de um aluno de geologia recém-formado para orientar em um trabalho de doutorado, Josué de Camargo Mendes, que tinha sido meu professor, mais tarde grande amigo, tornando-se, inclusive, padrinho da minha filha, me indicou. Josué sabia o quanto eu gostava de Paleontologia. Minha primeira experiência em Paleontologia foi ao seu lado em uma viagem para Santa Catarina. Ainda recém-formado, ele, de maneira sagaz e brincalhona, me incitou a curiosidade, falando: — *Tem um depósito do Permiano ali, dê uma esmiuçada para ver se encontra algum fóssil.* Josué não fazia ideia que tinha acabado de cutucar com vara curta a medula por onde desfilava minha mais ardente curiosidade sobre a vida neste planeta... Enquanto discutiam se aquele sedimento vermelho



Cominhotte encalhado
na estrada entre Vila Velha
e Ponta Grossa

Junho 1945

€

era triássico ou não, eu fui certeiro: alimentado pela paixão de um jovem que via na recém iniciada profissão as respostas que buscava para suas inquietações, bati com o martelo em uma rocha e, lá estava, era uma asa de inseto sem igual no mundo! Me entusiasmei tanto que comecei a procurar

freneticamente outros fósseis! Encontrei uns crustáceos! Era o início de tudo. Pouco se sabia da geologia do Brasil, construímos a geologia ali em tempo real, minuto a minuto o mundo se descortinava para mim! Os fósseis, por mim encontrados naquele dia, puseram fim na discussão, pois confirmaram que aquelas camadas não eram as camadas vermelhas mais novas do Triássico, mas sim do Permiano.

E, foi assim e foi por isso que deixei o meu primeiro emprego, comecei o meu doutorado (naquela época, não existia mestrado) e fui contratado como professor de Geociências. Nesta mesma época, eu tinha um colega, o Aziz Ab'Sáber, formado em Geografia e que adorava Geomorfologia. Ele estava para ser contratado na sua área quando soube que o Caster, além de paleontólogo, também se dedicava à geomorfologia. Fui conversar com ele, mas, infelizmente, na Geologia não havia duas vagas. Como eu era formado em Geologia, eu fiquei com a vaga. Aziz, não querendo renunciar a esta oportunidade de estudar geomorfologia por causa de uma burocracia cega ao humano, aceitou ser contratado como jardineiro para ter o seu direito de estudar e de dar aulas sobre o assunto que lhe interessava. Durante os 3 anos nos quais Caster esteve no Brasil, nós três trabalhamos juntos, eu, em Paleontologia, Aziz, em Geomorfologia e, Caster na orientação dos doutorados. Quando Caster voltou para os EUA, Aziz foi contratado em Geomorfologia na Geografia.

Movido por um apetite científico intenso, disposto a aprender tudo o que havia ao meu redor, comecei então o meu doutorado na região do Devoniano do Estado do Paraná. Quando lá cheguei pela primeira vez e, avistei aquelas araucárias imensas, fui engolido pela natureza, passando a existir na grandiosidade daquela paisagem, ocupado, em meus pulmões, pela brisa que lá soprava, atraído pelo verde que gritava aos meus olhos e, agradeci, mais uma vez, ter podido seguir a vida na direção dada pelas minhas paixões... Quando estava para prestar vestibular, na época da Segunda Guerra Mundial, um amigo da família, João Tafner, recomendou-me que fizesse química porque, com as cidades destroçadas pela guerra e com a urgência de uma remodelação das fábricas famosas na Europa, a formação em química seria uma exigência cada vez maior. Mas, essa escolha trairia o meu gosto pela História Natural. Fui criado em Amparo, interior de São Paulo, andando no meio do mato, às vezes descalço, lavando o rosto com a água que brotava da terra, nadando no rio e adorando as rochas que lá despontam majestosamente no alto das montanhas. Pensei diversas vezes em ser zoólogo, depois botânico, quis trabalhar com Cerrados. Hoje me entendo mais de quando menino, os meus desejos de conhecer a Terra

e tudo o que os animais e as plantas pudessem me contar do tempo dos tempos, do tempo, enfim, geológico. Me enchia de prazer estudar os seres mais antigos de aproximadamente 4 bilhões de anos atrás. Quando jovem, eu era muito tímido, passava horas lendo um livro, do qual não me recordo mais o título, mas contava a história de um americano e um inglês que se aventuravam na África, eram naturalistas. Isto me atraia muito mais do que fazer química, não queria trabalhar em uma fábrica de produtos químicos. Fiz o meu caminho...

Dava aulas e, sempre que possível, eu viajava para meu trabalho de campo. No Estado do Paraná fui muito feliz, achava todo mundo muito simpático, as pessoas protegiam a mata fechada, primária, a natureza, assim como os espaços de convivência eram cuidados com muito zelo. Me lembro das minhas noites de sono, quando me entregava a um encontro onírico com a natureza durante toda a noite...

Certa vez, na estrada entre Vila Velha e Ponta Grossa, eu e alguns amigos, entre eles Josué e Reinhard Maack, estávamos analisando a estratigrafia de um corte de uma estrada de rodagem, discutindo, pegando amostras, analisando... Concentrados que estávamos, não nos demos conta de que havia uma viatura encostada nos vigiando. O policial nos repreendeu, falando que não era para a gente ficar cutucando aquele barranco uma vez que ele não era nossa propriedade... Até hoje estou tentando entender o que ele quis dizer...

Enfim, meu caro Renato, o que tenho nos bastidores da minha vida acadêmica são as minhas paixões, criando caminhos de exploração e de descoberta. A vida que se revela na origem do cosmo, na estrutura dos planetas, nos fenômenos geológicos e que, em sua força de natureza, se mostra soberana a tudo e a todos, me impressionou desde criança, conduzindo a direção do meu olhar, determinando minhas escolhas de vida e, plantando uma curiosidade intelectual insaciável... Esta mesma paixão persiste em mim sem idade, prendendo os meus olhos em cada gesto da minha mulher, em cada sorriso dos meus filhos, em cada carinho dos meus netos, em cada gracinha dos meus bisnetos, dando-me força para continuar a produzir ciência e escrever os meus artigos para sempre dentro do meu tempo.



ANTONIO CARLOS

Antonio Carlos Sequeira Fernandes

ENTRANDO PELO CANO... LITERALMENTE FALANDO*

Um dos pontos mais interessantes que os autores consideram importante ao lidar com os paleontólogos mais novos, sejam pesquisadores, docentes ou alunos, é quando abordam os perigos que envolvem os trabalhos de campo e que passam muitas vezes despercebidos. Antonio Carlos, por exemplo, sempre chamava a atenção, quando em aula, que uma das coisas mais perigosas é você achar

*Adaptação do depoimento de Antonio Carlos Sequeira Fernandes a Rafael Costa da Silva em 04/12/2013, publicado no *Paleonotícias On-line*, Boletim Informativo do Núcleo RJ/ES da Sociedade Brasileira de Paleontologia, out.-dez. 2013, (3): 4-7.



Rafael Costa da Silva

que tudo pode, que nada vai acontecer com você, o que não corresponde a uma realidade. Acidentes em trabalhos de campo são comuns e, em alguns casos, existem exemplos de acidentes até mesmo fatais. Alguns acidentes são corriqueiros, muitas vezes posteriormente lembrados de forma divertida, como se fossem fatos inocentes engraçados ou curiosos que ocorreram, mas outros podem se tornar bastante sérios.

Como exemplo, um caso muito sério que aconteceu com um dos autores, Antonio Carlos S. Fernandes, ocorreu durante uma atividade de campo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) realizada entre 01 e 15 de fevereiro de 1995 na Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Naquela ocasião, uma equipe da UERJ coordenada pela Profa. Maria Antonieta da Conceição Rodrigues desenvolvia um projeto do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico

e Tecnológico (PADCT) do CNPq durante o qual foram adquiridos dois veículos da marca Toyota para as atividades de campo, incluindo a ida a Mato Grosso. Além do Antonio Carlos, participavam das atividades de campo os docentes e pesquisadores Maria Antonieta da Conceição Rodrigues, Egberto Pereira, Sérgio Bergamaschi, Diana Mussa, Lélia Kalil Thiago, Rodolfo Dino e a doutoranda Sandra Oliveira. A finalidade da excursão era fazer um trabalho de campo visando principalmente uma visita aos terrenos devonianos lá existentes, como as formações Furnas e Ponta Grossa, duas das unidades litoestratigráficas mais famosas da Bacia do Paraná.



Membros da equipe que participaram das atividades de campo. Da esquerda para a direita: *Antonio Carlos S. Fernandes, Egberto Pereira, Maria Antonieta da Conceição Rodrigues, Rodolfo Dino, Lélia Kalil Thiago, Sandra Oliveira, Sérgio Bergamaschi e Diana Mussa*.

Em um determinado dia, cuja data não é possível especificar, a equipe estava se dirigindo para um dos pontos do parque da Chapada dos Guimarães observando que, devido às chuvas, os rios locais estavam muito cheios. Ao passar por uma área mais rebaixada, a equipe observou que naquele trecho a estrada estava inundada, com uma corrente aparentemente forte que a cobria e a atravessava, mostrando uma situação bem significativa e de alerta de perigo.

As duas Toyotas pararam e a equipe ficou observando se havia condições de continuar, quando o Antonio Carlos falou: “— *Mas isso aqui dá para passar, a Toyota passa*”. Ficou aquela discussão entre os membros da equipe, passa ou não passa. Egberto estava muito preocupado, pois não poderia haver nenhum dano às Toyotas e também se seria perigoso para o grupo. Foi então que o Antonio Carlos disse: “*Eu vou até lá, dou uma olhada e aviso vocês*”. E assim fez. Ele tinha notado que a água passava por cima da estrada mas era rasteira, quase superficial, não sendo funda. E foi andando e mostrando para o Egberto e os demais que era rasinho, não sendo problema para as Toyotas passarem. Só que, em seguida, o Antonio Carlos caminhou para o canto esquerdo da estrada, onde a margem estava coberta por uns arbustos, julgando que ali seria uma ponte. Devido às folhagens pensou: — *Bom, aqui deve ser o final, a lateral, a margem da estrada e eu estou caminhandoo junto à margem!* Dando um passo a mais, pisou meio em falso, perdeu o equilíbrio e deslocou-se para o lado.

Quando fez isso, perdeu o equilíbrio de vez caindo dentro d’água, sendo puxado para baixo pela corrente, naquele ponto muito forte. Quando foi sugado por aquela corrente d’água, Antonio Carlos se segurou em alguma coisa tentando voltar. Totalmente submerso, tentou voltar seguidamente, nada conseguindo devido à intensidade da corrente. Chegou a um ponto em que percebeu que não iria mais adiantar o esforço e, em sua cabeça, ficava imaginando que estava debaixo de uma ponte e iria sair do outro lado. Então, como não conseguia retornar, com aquele barulho forte de água em turbilhão nos seus ouvidos, Antonio Carlos soltou as mãos e deixou ser carregado pela correnteza, rezando para não ter nenhum galho de árvore ou outro objeto ali embaixo, em que ficasse preso.

A intensidade da corrente o levou para o outro lado da estrada onde sentiu que se chocava com a lateral da margem do rio. Ainda submerso, durante segundos preciosos permaneceu rodopiando e batendo na lateral da margem, o que o levou a pensar que não tinha mais jeito, e que realmente não iria se salvar; entretanto, logo em seguida sentiu clarear e, ao abrir os olhos viu que estava na superfície. Podia respirar e já não iria mais começar a engolir água. Sua agonia, porém, não terminou por aí, pois foi quando percebeu que estava sendo levado pela correnteza rio abaixo.

Notando que estava sendo carregado rapidamente, Antonio Carlos observou a impossibilidade de nadar para as margens devido à intensidade da correnteza, tão forte que ele era só carregado para frente, não conseguindo, por mais que se esforçasse, dar braçadas para se direcionar para uma das margens. Mais adiante, Antonio Carlos viu que tinha um tronco caído

atravessado no leito do rio e disse para si mesmo: “— *Vai ser ali que eu vou me segurar*”. Quando chegou em cima levantou os braços e se agarrou ao tronco, com uma forte pancada no lado direito do peito; mas, mesmo sentindo os efeitos da forte pancada, conseguiu subir no tronco salvador. Antonio Carlos ali ficou, conseguindo se levantar segurando nos galhos de uma árvore; entretanto, não conseguia sair do local. Não conseguia andar no tronco para se jogar para uma das margens. Começou então a gritar para ver se o pessoal que estava lá na estrada conseguia ouvi-lo, o que ia ser muito difícil devido ao barulho muito alto da forte correnteza. Enquanto olhava e gritava na esperança de alguém aparecer, de longe viu a cor da camiseta do Rodolfo Dino, uma camiseta grená, e então começou a chamar por ele, gritando repetidamente, e ele, por fim, o ouviu.

O que aconteceu quando Antonio Carlos caiu na água? Ele simplesmente sumiu, desapareceu, e todos os componentes da equipe ficaram apavorados. O Egberto foi quase para o mesmo local onde Antonio Carlos foi sugado pela correnteza, chegando a entrar na água e por pouco não teve o mesmo fim. A Antonieta ficou desesperada, sem acreditar no que estava ocorrendo. A Diana Mussa se ajoelhou e começou a rezar. A Lélia não tinha palavras, ficou muda. Enfim, era um drama quase cinematográfico pelo que estavam passando e não sabiam o que fazer. O Egberto, depois que viu que não conseguia mais ver o Antonio Carlos, caindo na real já estava pensando em chamar os bombeiros para procurar o corpo e o Dino, graças a Deus, foi para a outra margem para ver se por acaso via algum sinal do Antonio Carlos que, nesse momento, enxergou a camiseta grená que identificou como sendo do Dino. Este ouviu os gritos que o chamavam e, ao se virar, viu o Antonio Carlos, fazendo sinal para aguardasse; em seguida, foi avisar os demais. Egberto, Sérgio e Dino vieram então pela mata acompanhando a margem direita até mais ou menos o local onde Antonio Carlos se encontrava. Inicialmente queriam que o Antonio Carlos se jogasse em direção a eles, mas ele já estava cheio de dores e sentiu que não conseguiria, com medo de se desequilibrar e cair no rio. Eles então disseram: “— *Vamos pegar uma corda*”. Nesse meio tempo, a espera foi um verdadeiro suplício, pois as dores aumentavam e as forças gradativamente diminuíam. Mas, enfim, jogaram a corda que com dificuldade Antonio Carlos passou em torno do corpo e, por fim, foi puxado para a margem. Dali, com o Antonio Carlos coberto de lama, saíram andando e conversando sobre o que tinha acontecido e como que ele tinha caído na água. Na volta ao hotel, as dores se tornaram mais intensas, já que ao rodopiar submerso na correnteza e bater continuamente na lateral da margem direita, criaram-se vários hematomas por várias

partes do corpo. Já que não tinha quebrado nada, mas como estava muito arranhado, o médico decidiu passar um álcool iodado em todas as feridas que estavam espalhadas pelo corpo todo. Passou o álcool iodado no peito, nas costas, nos braços, ficando todo vermelho de cima a baixo. Depois disso ocorreu uma cena muito curiosa lembrada até hoje: ao sair da enfermaria Antonio Carlos passou para a sala de espera, onde a equipe o aguardava; no que a Antonieta o viu, vermelho de cima a baixo, disse: “— *MEU DEUS!*”. O susto da Antonieta foi realmente curioso.

Antonio Carlos continuou com a equipe pelo tempo restante da excursão, mas com muitas dores, não tendo outro jeito, já que não tinha condições físicas de voltar sozinho para o Rio de Janeiro, pegando um avião e simplesmente retornando. Continuou participando das atividades de campo com a equipe, mas com certas limitações. Dias depois teve uma inflamação nas feridas do pé que realmente o incomodaram, dificultando o uso de um calçado e o levando a procurar auxílio médico em outra cidade.

E foi assim que tudo aconteceu. Um pequeno descuido, um passo em falso que pode significar o fim da sua vida. Uma coisa simples, um descuido aparentemente sem maior significado. Antonio Carlos aprendeu assim, mas de forma dolorosa, também uma grande lição: com água não se brinca, não tem condições de você achar que por saber nadar, no momento em que você cair numa correnteza se salvará com facilidade. Não tem como ir nem para um lado ou outro, você é carregado para a frente e pronto. Depois, em conversa com as pessoas da região, descobriu-se que aquela água toda, aquela correnteza, era um riachinho que encheu muito por causa das chuvas, mas que ia desembocar numa cachoeira. Então aquele tronco ao qual Antonio Carlos se agarrou foi extremamente salvador; se não fosse por ele, teria ido em direção ao curso do rio principal que ia direto para a cachoeira que tinha mais adiante.

O Egberto e o Sérgio no dia seguinte voltaram a fazer campo e foram àquele mesmo local. As águas tinham baixado, não havia mais correnteza e o que era um rio caudaloso virou novamente um pequeno riacho que passava por debaixo da estrada por duas manilhas. Foi na parte superior de uma delas que Antonio Carlos tinha se agarrado inicialmente e foi por ela que entrou e foi parar do outro lado. Teve sorte de não ter se separado com um tronco de árvore no seu interior e, por isso, conseguido se salvar. Posteriormente, Antonio Carlos voltou à Chapada dos Guimarães e visitou o local onde havia caído e ainda se encontravam as manilhas. Ao vê-las concluiu que, de fato, “— *havia entrado literalmente pelo cano*”.



JOÃO CARLOS COIMBRA

João Carlos Coimbra

OSTRACODOLOGISTA - Um evento contingente na vida de um garoto sonhador

Quando menino, a natureza me causava fascínio e certo temor. Meu interesse era grande pela leitura da enciclopédia “Mundo da Criança”, da editora Delta, que eu lia na casa de uma vizinha, Sra. Leci, mãe da Berenice, que de tão amiga era quase uma irmã. Mas isso só aconteceu depois que já estava na escola, é claro, afinal não fui um prodígio da leitura. Falando em escola, só conheci uma

aos sete anos, e confesso que não era muito a minha praia. Demorei a me adaptar à Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Gustavo Armbrust. O problema não era tanto o rigor do ensino da época, mas sim ter que conviver com outras crianças. Fora do ambiente familiar eu era retraído. Então, por que não fugir da escola? Tentei, mas o feito durou pouco. Depois de umas duas semanas, Dona Elma, a professora, foi até minha casa e me convenceu a retornar, acabando com uma promissora carreira de analfabeto autodidata (risos!).

A grana em casa sempre foi curta. Então, entre os 16 e 17 anos, comecei a trabalhar de dia e cursar o ensino médio à noite. Apaixonado também por História, Geografia e Filosofia, gostava de questões práticas de sociologia e política, e cedo me envolvi com os movimentos estudantis de resistência à ditadura civil-militar-midiática que assolava o país desde 1964. Jovem de estilo hippie era alvo fácil de chacotas por parte dos homens e mulheres “de bem” típicos da época, mas parece que eles passaram e “**eu passarinho**”.

Idealista, pensei em seguir carreira nas humanidades, mas minha ligação com as ciências da vida falou mais alto. Entrei com uma bolsa parcial na graduação em Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1977. Até o último semestre do curso nunca pensei em ser paleontólogo. Aliás, como não gostava das aulas de Paleontologia, acordei com o professor que só estaria presente nas aulas práticas (que foram apenas duas) e nas provas. Ele topou na hora, afinal minhas perguntas em sala de aula não eram muito bem-vindas. O professor se esforçava, mas não sendo paleontólogo, pouco falava de fósseis na disciplina.

Neste tempo trabalhava à noite no setor de processamento de dados do Banrisul. Mas, não conseguindo levar satisfatoriamente a faculdade e o banco, me demiti e passei a trabalhar como exímio datilógrafo em máquina elétrica e, assim, era autônomo. Ou será que era um microempreendedor (risos)? Para usar este eufemismo moderno para quem trabalha duro e sem direito trabalhista algum. Tendo que completar meus proveitos, dava aulas particulares e fazia serviços temporários em eventos. Em meio a essa zorra cotidiana precisava achar um tempo para aprender um pouco como fazer pesquisa científica. Depois de alguma procura, acabei num estágio voluntário no Museu de Ciências Naturais da então Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, no Laboratório de Carcinologia, sob a orientação

Todos esses que aí estão

Atravancando meu caminho,

Eles passarão...

Eu passarinho!

Mario Quintana

da carcinóloga Nice Maria Miceli da Silva. Foi quando me interessei pelo estudo dos crustáceos aquáticos, especialmente os marinhos. No início parecia mais um trabalho braçal, já que eu cuidava das etiquetas e do volume de álcool da coleção de Carcinologia. Mas, poucos meses depois, Nice me levou para trabalhos de campo e também me instigou a estudar cirripédios pedunculados do sul do Brasil. Isso foi antes de se tornar religiosa, época em que me divertia com o fato dela frequentemente falar palavrões quando estava me orientando. Mas, não eram contra mim, felizmente! Era apenas um estilo de comunicação.

Eis que no último semestre da faculdade, 1981/II, uma colega de aula, Mariana Porto, me contou que um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tinha interesse em ter um estagiário para estudar fósseis de insetos da era Paleozoica, sua principal linha de pesquisa à época. O nome dele era Irajá Damiani Pinto, naquele tempo também diretor da fundação de amparo à pesquisa do meu estado, a FAPERGS. A irmã da Mariana era secretária do professor Irajá naquela fundação e, por isso, sabia da dificuldade que era encontrar interessados em mestrado em Paleontologia, ainda mais em insetos do Paleozoico. Sem muitas opções, já que não estava em condições financeiras para tentar um mestrado em Zoologia fora de Porto Alegre, topei falar com o especialista em insetos fósseis. Sempre curti entomologia, talvez até mais do que os crustáceos, portanto não tinha nada a perder. Após uma longa entrevista de aproximadamente uma hora, em que o diretor da FAPERGS me questionou sobre temas de paleontologia de invertebrados e achou graça das minhas respostas evasivas ou erradas, surpreendentemente ele me aceitou como estagiário voluntário em seu laboratório, sob sua supervisão e da professora Ivone Purper. Na época eu já lecionava como professor auxiliar no ensino básico e, em seguida, prestei concurso para professor estadual e comecei a dar aulas à noite.

Iniciei o estágio no antigo prédio do Instituto de Ciências Naturais, no campus central da UFRGS, não com insetos, mas com corais do Carbonífero da Amazônia, analisando alguns dos fósseis que foram motivo da tese de doutorado do professor Irajá. Tudo foi muito rápido. Não tive tempo de pensar se tinha ou não interesse em corais fósseis, pois foi o que ele colocou à mesa quando cheguei para o primeiro dia de estágio. Por um momento pensei que ele estava fazendo piada comigo, só que não! Era aceitar ou ir embora. Conheci, então, a professora Ivone e o local que se tornaria, literalmente, no meu cantinho. Não havia espaço para mim! Então, recebi uma mesa, cadeira e um estereomicroscópio os quais acomodamos numa pequena sala embaixo de uma escada. O estágio consistia em estudar alguns capítulos do

volume do *Treatise on Invertebrate Paleontology* referente a corais fósseis, examinar os fósseis da tese do professor Irajá ao estereomicroscópio, e tentar relacionar os conhecimentos obtidos no *Treatise* com os advindos da tese do professor Irajá. Concluída a fase de instalação e os salamaleques próprios do momento, eu estava quase em choque, especialmente porque em seguida eles saíram e fiquei eu ali solitário com aqueles materiais: o *Treatise*, a tese, os corais, as lâminas, o estereomicroscópio, ... e uma vontade enorme de fugir. Mesmo que a professora Ivone tenha gentilmente se disposto a me auxiliar mediante demanda, a minha angústia se recusava a ir embora. Parecia que eu não tinha dúvida alguma, afinal, quem não sabe nada de nada sobre um dado tema não consegue nem formular perguntas.

Naquele tempo eu já vivia por minha conta e risco, sabia que não teria outra oportunidade de entrar num laboratório com gente tão qualificada e com a possibilidade de fazer pesquisa científica. Mas, meu inglês era fraco, meu tempo era escasso, meu apê era longe, e a escola, onde lecionava à noite, também. Tô lascado, pensei. Apesar disso, fui ficando e tomando coragem para expor minhas dificuldades, afinal, não dava para enrolar, tinha que ser franco se desejasse aprender alguma coisa.

Próximo ao final do ano, o professor Irajá disse que tinha me matriculado num curso de extensão em Biologia Marinha, que ocorreria ao longo de uma semana do mês de janeiro de 1982. O curso seria no litoral norte do estado, no Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da UFRGS (CECLIMAR), do qual ele foi fundador e que hoje acolhe o curso de graduação em Biologia Marinha e Costeira da UFRGS. A proposta era a seguinte: se fosse aprovado com conceito A ele me aceitaria como aluno de mestrado. Fiz o curso, estudei feito um condenado (risos) e tirei A, embora eu mesmo achasse que deveria ter tirado um B. Voltei a falar com o professor Irajá, que me disse para sumir por um tempo e aparecer no gabinete dele somente em março de 1982.

Compareci na data marcada, e, para meu espanto, ele estava com os papéis da bolsa de mestrado da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior (CAPES) para eu assinar. A segunda surpresa, é que ele decidira que a dissertação seria sobre insetos permianos. Aceitei sem argumentar, já que a relação professor/estudante era diferente da de hoje. Mal tive tempo de dar adeus aos corais! Chegando no meu apê, desabei. Chorei sem saber a razão, apenas chorei profusamente. Hoje penso que foi por um misto de alegria e medo, talvez mais medo do que alegria (risos!).

Quando chegou o mês de julho de 1982, meu orientador avisou que não poderia mais me orientar, pois estava muito ocupado especialmente com a direção da FAPERGS. Eu teria que trocar de orientador e de assunto. Assim, me foi colocada a oportunidade de trabalhar com Ostracoda – que eu não sabia nem o que era – ou com Mollusca. Passados alguns dias, decidi trabalhar com os tais ostracodes. Num tempo curto, passei de corais a insetos e de insetos a ostracodes. Minha orientadora nesta nova etapa foi a professora Lilia Pinto de Ornellas, da qual fui o primeiro estudante de mestrado. Devo muito a minha formação inicial na pesquisa em Ostracoda tanto à Lilia quanto à Ivone, professoras e amigas. E sem esquecer o professor Irajá e a professora Yvonne Sanguinetti, a coordenadora do programa de pós-graduação, que desde o início apostaram em mim, apesar daquela entrevista um tanto desastrosa lá na FAPERGS.

Naquela época poucos usavam microscopia eletrônica de varredura (MEV) no estudo dos ostracodes. A Lilia também não tinha usado, embora existisse um microscópio deste tipo na universidade, o qual foi o primeiro do Brasil. O aparelho estava justamente no setor de Paleontologia. Aproveitando estas condições, resolvi testá-lo no imageamento das carapaças dos ostracodes. Depois que mostrei o resultado para minha orientadora, percebi a aprovação, ainda que discreta. Eu havia feito tudo escondido dela, porque a Lilia ainda não tinha afeição por aquele MEV analógico enorme e complexo. Dali em diante ficou apaixonada pelo MEV!

Na dissertação tratei da taxonomia, zoogeografia e implicações paleo- e zoogeográficas de uma subfamília de ostracodes, constituída por dois gêneros. Foi complicado pelo fato de que precisava examinar em torno de mil amostras de sedimentos holocénicos da plataforma continental brasileira, desde o Amapá até o Rio Grande do Sul. Durante a pesquisa fui sendo enfeitiçado pelos ostracodes. É quase amor (risos)! Difícil é entender por que tão pouca gente os estuda, ainda mais que eles formam um dos grupos mais abundantes e diversificados de crustáceos, e possuem o melhor registro fóssil dentre todos os animais.



Mírian Pacheco

A KOMBI, A ANTÀ e a CAIXA D'ÁGUA

Minha amiga Évellyn pode me corrigir, mas foi mais ou menos assim que aconteceu...

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) abriga uma série de laboratórios em seu campus de Campo Grande. Em 2001, um dos laboratórios mais interessantes estava escondido em uma das salas do Estádio do Morenão (até então o maior estádio de futebol localizado em uma universidade no Brasil). Évellyn morava perto da universidade e sempre

caminhava pelo campus. Em uma de suas andanças, descendo uma das escadinhas do estacionamento do estádio, ela leu: “Laboratório de Pesquisas Arqueológicas (LPA)”.

Como minha amiga, ela sabia sobre meu entusiasmo diante de coisas velhas e empoeiradas, e me ligou (na época, a internet era discada, cara, e usada em horários restritos, sempre com a minha mãe gritando: “— *Lizaaaaaaa.... desliga logo essa internet!*”). Foi alguma coisa assim que a Évellyn me disse: “— *tem um laboratório de arqueologia no Morenão, com um arqueólogo dentro!*”

No dia seguinte, estávamos as duas solicitando estágio. As portas de correr estavam abertas. Entramos no LPA e reparamos uma grande sala separada por divisórias. Na entrada, observamos uma lâmina de machado polida em basalto e algumas outras ferramentas pré-históricas talhadas em pedra, dispostas em uma mesa. À direita, uma porta levava para uma sala de preparação e análise de amostras, com materiais cuidadosamente distribuídos em duas grandes mesas. Uma urna funerária me chamou a atenção. Dois lindos quadros na parede, logo acima da mesa do café, tinham representações do tempo geológico.

O Éder, técnico do laboratório, que nos recebeu: “— *podemos falar com o professor?*” Ele estava montando umas caixas de arquivo morto, deixou em cima de uma das mesas: “— *Um segundo!*” Éder passou pela mesa do café e entrou numa sala que era separada da sala de preparo de amostras por um enorme vidro. Foi assim que avistamos o Professor Gilson em sua mesa, lendo um jornal e tomando café. O Éder falou algo com ele, o professor girou a cadeira em nossa direção e fez sinal com uma das mãos para que Évellyn e eu entrássemos.

Estávamos muito entusiasmadas. Eu contei a ele sobre minha vontade de ser paleontóloga e ele foi logo dizendo: “— *Você sabe que arqueologia e paleontologia, embora se dediquem ao estudo do passado, são ciências bem diferentes, não?*” Eu acenei que sim, mas insisti: “— *Quero ter essa experiência em estudar o passado, e o seu laboratório é o que mais se aproxima do que quero fazer.*” Essas palavras podem parecer bem pedantes hoje, mas justifico que foram ditas por uma garota ingênua e entusiasmada, e o professor Gilson soube ler exatamente o que elas significavam.

Ele se levantou, e nos mostrou o laboratório. Entramos na reserva técnica, logo ao lado da sala dele: um ambiente enorme, cheio de caixas organizadas em estantes. Ele abriu uma das caixas contendo ferramentas pré-históricas: “— *Olha, essa lasca aqui foi trabalhada em um estromatólito. Vocês devem saber o que é isso, não? O ser humano usou um estromatólito*

de milhões (ou talvez bilhões) de anos para fazer uma ferramenta há poucos milhares de anos.”

Depois de uma aula sobre arqueologia, voltamos à sala dele. “— *Bom, se vocês quiserem fazer um estágio aqui, saibam que por aqui fazemos de tudo um pouco: atendemos telefone, fazemos café, recebemos, limpamos, organizamos e acondicionamos as amostras que chegam do campo...*” Antes que ele terminasse de dizer “os termos e condições”, Évellyn e eu já havíamos aceitado.

Do final de 2001 até 2004, fizemos de tudo no LPA, desde ajudar a zelar pelo funcionamento básico do laboratório (café, telefone, organização de fichas, limpeza da reserva técnica) até a parte operacional do trabalho com amostras arqueológicas. Aprendemos muito sobre o funcionamento de um laboratório de pesquisa e sobre coleções arqueológicas.

Entre uma higienização de fragmentos de cerâmica e uma catalogação de líticos, o professor Gilson nos observava, pedia que o Éder nos orientasse em diferentes funções e nos passava materiais para leitura. No final de 2002, quando o professor percebeu que não iríamos “botar fogo” no laboratório, ele nos ofereceu a oportunidade de concorrermos a uma bolsa de iniciação científica. O projeto era sobre a confecção de uma coleção osteológica de referência para estudos zooarqueológicos (basicamente “desossar” animais mortos para usarmos seus esqueletos para comparação com restos de animais que foram utilizados como alimentação por populações humanas na Pré-história). Os animais a serem usados para a confecção da coleção seriam, a princípio, aves, répteis (parte da Évellyn) e mamíferos (minha parte).

Além das bolsas PIBIC/CNPq, outros projetos do professor Gilson nos garantiram um freezer, um fogão, panelas e produtos para maceração de esqueletos. Ele desativou um dos banheiros (que servia para cozinhar e limpar os esqueletos) e separou uma salinha para preparo e acondicionamento da coleção osteológica.

No início, nos enfiávamos, quinzenalmente, dentro da kombi do laboratório à procura de animais atropelados ao longo da BR 262 (rodovia que liga Campo Grande a Corumbá, MS). Infelizmente, muitos animais morrem atropelados ali por utilizarem a rodovia como “corredor ecológico”.

Em menos de dois meses, esses monitoramentos quinzenais cessaram. Embora a sede de suas pesquisas fosse o campus Campo Grande, o professor Gilson ministrava aulas na UFMS de Aquidauana, todas as quintas-feiras. Ele começou a voltar com a Kombi abastecida de animais atropelados. Seriema, lobo-guará, suçuri, capivara, tatu, jaguatirica, tamanduá... Os “clientes” (infelizmente) eram muitos e tínhamos que manter o ritmo

de confecção de esqueletos para não lotar o freezer. O cheiro variava de incômodo a insuportável. A maioria dos animais havia sido atropelada dias antes de o professor resgatá-los.

Évellyn sempre dizia que a preguiça era a maior aliada da nossa criatividade. O que nós duas sempre tivemos em comum: (1) a nossa capacidade de fazer “monumentos à procrastinação” (estudar para provas, fazer trabalhos, pagar contas... tudo em cima da hora); (2) desorganização (assustadora); e (3) assumimos muitas responsabilidades (como se a preguiça alimentasse sempre a adrenalina dos prazos... ou o contrário).

Nós percebemos que quando eviscerávamos e limpávamos animais recém-chegados da coleta ou completamente descongelados, o teor de fezes, sangue e órgãos se desfazia em uma meleca fétida que sujava toda a sala de preparo, espantava funcionários e estagiários, e era complicada de limpar. Eu percebi que a saída mais prática e menos nojenta era abrir os bichos e remover tudo de dentro deles assim que começassem a descongelar. O que restava não cheirava tão mal assim.

Mas ainda havia um problema: quando o animal era muito grande não dava para congelar e “deixar no ponto” para retirada das vísceras. Tínhamos que lidar com tudo em tempo real. Passávamos todos os dias no LPA para saber se havia alguma novidade, e ficávamos especialmente atentas quando o professor estava para voltar de Aquidauana. Às vezes, o professor fazia campos e viagens para outros lugares e voltava com umas “surpresas”. Ele confiava e investia na gente e nós sabíamos o quanto esse trabalho era importante para nossa formação. Em uma época em que não existia whatsapp... ou mal usávamos e-mails, sabíamos que tínhamos que dar o nosso jeito.

Um dia, Évellyn passou pelo laboratório e descobriu que o professor estava voltando do rio Paraná com um jacaré de 1,92m. Ela me encontrou no R.U.: “— tem um jacaré gigante chegando... isso não é vida... temos que achar um jeito de otimizar esse processo das carniças.”

Embora meu estômago fosse forte, nesse dia eu interrompi meu almoço, coloquei as mãos no rosto (apertando) e disse: “ahhhhhhhhhhhh...”. Meu namorado na época (hoje grande amigo), Elbio, olhou pra mim, rindo “— Ainda bem que alguém faz o que vocês fazem e ainda bem que não sou eu.”

Évellyn e eu vagamos com o espírito da derrota até o laboratório, sem dizer uma única palavra. Chegando lá, ela olhou os galões de água oxigenada 99 volumes (um produto altamente corrosivo que usávamos para finalizar a limpeza dos ossos): “— Mírian e se a gente fervar as carcaças na água oxigenada?” eu ainda estava tentando aceitar a ideia de lidar com o

alligator: “— *Ãh?*” Évellyn pegou um dos galões: “— *Vamos testar isso na cabeça do jacaré!*” Eu apenas concordei. Afinal, como a situação poderia piorar?

Estávamos sentadas na escadinha de frente para o laboratório, esperando a kombi estacionar. O professor chegou todo animado com o novo “cliente”. Descemos as escadinhas com o jacaré e tivemos que começar os trabalhos ali mesmo na frente do LPA (não tinha como entrar com o bicho no laboratório... não havia espaço). As pessoas passavam e perguntavam o que raios estávamos fazendo... as moscas se aglomeravam e formavam um tapete verde em cima da gente e do bicho. E para completar, a barriga de um jacaré não é do tipo que se abre com um bisturi, mas com serra e marreta.

Évellyn estava determinada na cabeça do jacaré. Desarticulamos a cabeça completa. No banheiro, já havíamos preparado uma mistura de água oxigenada e água, que estava fervendo em um caldeirão. Jogamos a cabeça lá e torcemos pra dar certo. Eu ainda me lembro do cheiro de carne podre cozinhando com produtos químicos. De vez em quando, conferíamos a cabeça para verificar se a carne estava se soltando. Demorou mais ou menos meia hora, mas valeu a pena! Colocamos a cabeça fervida em uma bandeja. Os poucos músculos que não haviam se soltado na panela, saíram com facilidade com a ajuda de pinças e o que restou do cérebro conseguimos remover com água corrente. Nos livramos das vísceras do jacaré e fomos desmembrando suas partes e colocando direto no panelão, com nossa substância mágica. O que levaria dias para ser feito, ficou pronto em algumas horas. Tínhamos uma produção em série de esqueletos desarticulados. Esse método da Évellyn também garantiu uma limpeza mais eficaz: não sobrava restos de músculos, cartilagens etc, e não havia retenção de umidade que desencadeasse a ação de fungos nos ossos.

Mas ainda haveria mais um desafio. Em outro dia, mais uma vez na hora do almoço, Évellyn solta a boa nova: “— *Gilsão encontrou uma anta atropelada em Camapuã. Mirianinha... se prepara!*” Dessa vez eu estava mais animada por causa da “substância mágica de maceração de carcaças”. Na porta do LPA o professor acenou: “— *Mírian, arrume mais dois meninos pra ajudar a gente. Uma moça atropelou uma anta em Camapuã há uma semana. Eu já fui ver onde o bicho está. É um animal muito importante para uma coleção osteológica! Prepare a caixa térmica grande, separe enxada, pá, serrotes, sacos e outras ferramentas que você julgar úteis. Partiremos hoje depois do expediente e podemos pernoitar em Camapuã. No caminho, compramos gelo pra encher a caixa.*” Eu sorri: “— *Ok, professor! Vou chamar uns amigos da biologia.*” Mas, na verdade, o que se repetia na minha cabeça

era: “anta morta há uma semana... anta morta há uma semana... anta morta há uma semana...”

Paulo Paraguaio era meu veterano (hoje casado com uma grande amiga) e Fabian cursava biologia no mesmo ano que eu. Ambos eram muito solícitos e toparam o convite na hora (para a minha sorte). Saímos de Campo Grande no início da noite. Passamos em um posto e enchemos a caixa térmica de gelo. Quase perto de Camapuã começou a cair um temporal. Demos voltas e mais voltas na estrada porque a chuva estava atrapalhando a localização da carcaça. Até que parou de chover: encontramos o bicho! Quando descemos da kombi, estávamos munidos de serrotes, enxada, e até querosene pra tentar queimar as partes mais difíceis de desarticular. Comecei a sentir que estava pisando em “coisas crocantes”: eram os decompositores que estavam fazendo a festa na carcaça da anta. Quando chegamos bem perto, o vento trouxe em nossa direção o pior cheiro que já senti na vida. O Paulo atravessou a rodovia gritando “— *puta merdaaaa!*” Eu senti vontade de vomitar, mas lidava com isso respirando pela boca. O Fabian ficou parado (não sei o que ele pensava ou sentia). O professor Gilson tomou uma dose de alguma bebida de uma garrafinha que ele tirou do bolso “vamos lá!”

Estava bem escuro, a anta no acostamento da rodovia, MUITO inchada. E eu pensava “que sorte que choveu... isso deve ter amenizado o cheiro (acho)”. Decidimos abrir a barriga do bicho para nos livrarmos logo das vísceras (e diminuir o mau cheiro). O professor golpeou a barriga da anta com a enxada. Eu não sei ao certo se houve uma “explosão”, mas sei que parte do que estava dentro da barriga do bicho atingiu meus cabelos e roupas.

Esquartejamos toda carcaça em pedaços menores e acondicionamos tudo dentro da caixa térmica. Foram horas trabalhando e esclarecendo para pessoas que paravam na rodovia que não estávamos matando ninguém.

Acordamos cedo para o café. O hotel era pequeno e dava para visualizar a kombi no estacionamento pela janela do refeitório. Da mesma forma que dava para sentir um cheiro insuportável de “esgoto” que nós sabíamos muito bem de onde vinha. Do refeitório também era possível avistar a movimentação na recepção: profissionais de limpeza e desentupimento de fossa estavam por ali. “— *Tomem logo esse café e vamos embora antes que isso dê dor de cabeça*”, murmurou o professor Gilson pra gente.

Já dentro da kombi e resignados com o cheiro, começamos nossa animada viagem de volta. Eu estava aliviada porque “o pior havia passado”. “— *Mírian, que ideia você tem para limpar a carcaça da anta?*”, perguntou o professor enquanto dirigia. Eu respondi: “— *Podemos enterrar por um tempo*

no cerradinho da UFMS. O bicho tá podre demais pra fervermos as partes no laboratório. Se a gente enterrar por um mês, dá tempo de os decompositores ajudarem a gente.” O professor balançou a cabeça negativamente: “— Não, não. Não podemos correr o risco de perder partes desse bicho porque um cachorro pode fuçar ou as partes podem se espalhar numa chuva forte. Eu vou pensar em algo até chegarmos na cidade.”

Logo na entrada de Campo Grande, passamos por uma loja de piscinas e caixas d’água. Ele parou a kombi em frente: “— Vamos colocar a anta dentro de uma dessas caixas grandes com aquela mistura de água oxigenada que vocês fazem. Deixamos isso fechado por um mês e depois a carne vai estar molinha e vai ser mais fácil de limpar.”

Voltamos para o laboratório munidos de uma anta, uma caixa d’água e mais alguns litros de água oxigenada altamente corrosiva. Colocamos a anta dentro da caixa, com a substância mágica e deixamos selado tudo por mais de um mês.

Antes do famoso dia da abertura da caixa, tentei angariar mais estagiários. Dessa vez, Fabian e Paulo não estavam disponíveis (totalmente compreensível). Évellyn e eu reunimos uns quinze alunos de outra universidade (porque já estávamos meio “famosas” na UFMS) para o dia da anta.

Quando abrimos a caixa d’água, quase todos os estagiários correram. Alguns nunca mais voltaram. Duas meninas ficaram paradas ao meu lado perguntando: “— e agora?” O professor Gilson dispensou os funcionários naquele dia.

As duas meninas e eu tentamos separar os ossos da meleca pútrida que se formou dentro da caixa. O Elbio passou pra saber se eu ia para a aula de “Evolução” (seria a primeira aula da disciplina... eu perdi). Depois da aula, ele voltou para oferecer carona, olhou para a situação e disse: “— Isso vai longe né?” Ele e Évellyn foram buscar um limpador a jato na casa da mãe dela. Isso ajudou um pouco. Tirou o grosso da meleca e a pior parte do cheiro dos ossos. As meninas me ajudaram até onde puderam. Eu as liberei umas 17:00. Ficamos a anta e eu no banheiro do LPA até umas 19:30. Eu precisava que a pior parte do trabalho fosse feita naquele dia.

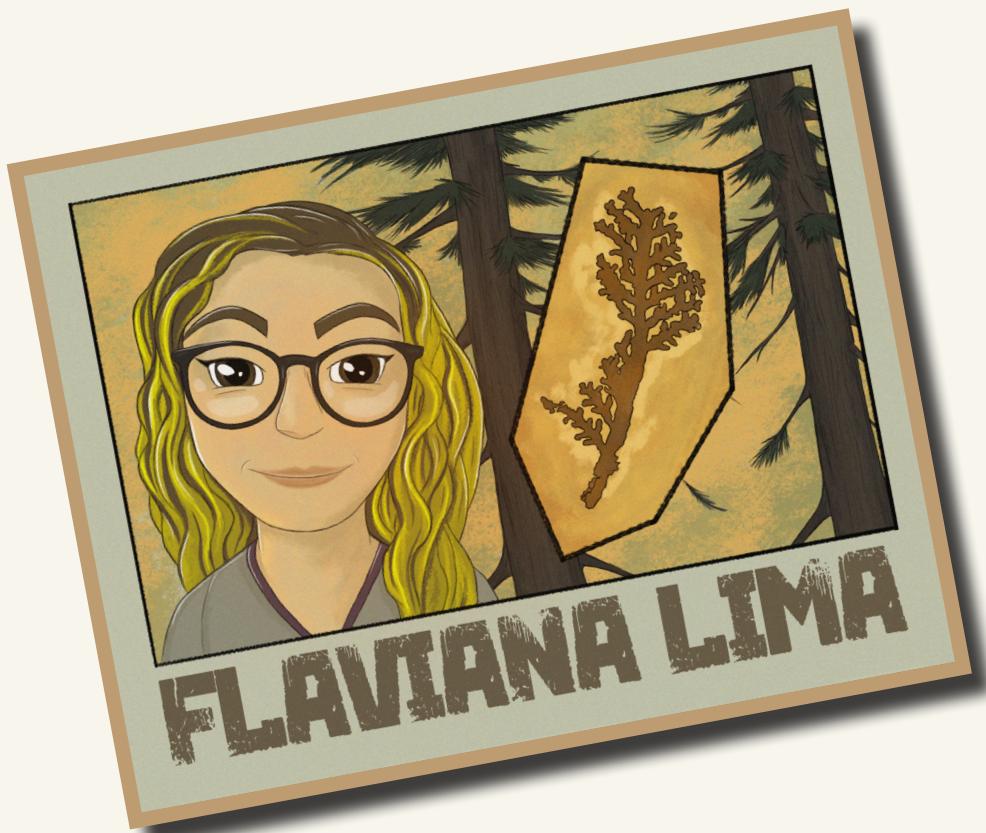
Ao entrar no ônibus que fazia o trajeto para minha casa, algumas pessoas se afastaram de mim. Conseguí até um lugar para me sentar. Chegando em casa, sabendo que minha mãe iria me barrar, já fui tirando os sapatos na garagem. “— Nossa... tira toda a roupa antes de entrar em casa! Vou jogar tudo fora!” Eu tomei banho, mas o cheiro parecia ter me acompanhado por dias!

Confeccionamos mais ou menos 130 esqueletos para a coleção. Boa parte desse material foi doada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, assim que fui aprovada no mestrado em arqueologia. Mesmo no doutorado, já direcionado para paleontologia, o professor Gilson continuou me ajudando com seus inesquecíveis conselhos de profissão e de vida.

Durante minha entrevista para o concurso na UFSCar, fui questionada se eu conseguiria usar o espaço da universidade para trabalhar. Me lembraram que, de início, eu dividiria uma sala com mais 23 professores e teria apenas um armário em um laboratório didático. Então eu contei essa história da minha iniciação científica.

Hoje eu fico pensando como o Gilson teve muito mais trabalho que a gente nessa história toda: dirigir toda semana para Aquidauana (quando não para outros lugares), parar no caminho para resgatar bichos mortos, o fedor dentro da kombi e do ambiente de trabalho dele, as moscas... (coisas que a gente entende só depois que vira professor... coisas que a gente só consegue agradecer de verdade só depois que entende).

Obrigada, professor.



Flaviana Jorge de Lima

VALE MAIS UM PTEROSSAURO NA MÃO, DO QUE FOLHAS DE *GINKGO* VOANDO!

Num calor de quarenta graus no Rio de Janeiro, eu nem imaginava o frio que iria enfrentar do outro lado do mundo. Passaporte carimbado, yuans na carteira... e o medo de atravessar o Oceano Atlântico antes mesmo de embarcar para Pequim, partindo do Aeroporto Internacional Tom Jobim.

Após um dia inteiro de viagem nós desembarcamos no maior país da Ásia Oriental e o mais populoso do mundo. Eu me via num mundo bem diferente daquele que eu vivi durante os meus quase trinta anos. Sim! Parece outro planeta! E sabia que cada minuto daquela viagem seria inesquecível. No caminho do aeroporto até o hotel não deixei de notar as incontáveis árvores de *Ginkgo* a perder de vista, todas com as folhas amarelinhas, pois era final do outono por ali e elas caíam constantemente. Meu instinto paleobotânico gritou de felicidade e eu não piscava um minuto sequer.

Primeiro dia na China e o nosso amigo paleontólogo chinês, Xin Cheng, nos levou a uma viagem pela culinária chinesa.

— *Que tal começarmos com um café da manhã tipicamente chinês?* Disse ele.

Ele logo nos direcionou para um pequeno restaurante com dois grandes dragões na porta, e lá comemos deliciosos *nikumans* (aqueles famosos bolinhos do filme Kung Fu Panda), além de uma espécie de sopa com tofu e amendoim, *harumakis* (rolinho primavera – o de porco era incrível), panquecas de ovos e bolinhos doces feitos de arroz e feijão vermelho, além do *lóng xū táng* (doce de barba de dragão). Mas uma sopa de feijão azedo – com aquele cheiro de feijão esquecido na geladeira por semanas – me fez lembrar que eu estava ainda sob efeito do *jet leg*. Já no jantar experimentamos o Hot Pot chinês, que vinha acompanhado de carnes cruas, legumes, macarrão, frutos do mar... mergulhados em uma panela compartilhada de caldo quente e muitas especiarias, usando palitinhos para cozinhá-los e muitas *Yanjing beers*!

Naquela semana, a sensação térmica estava abaixo de zero, pois era início de inverno. Minhas bochechas ardiam feito chamas por causa dos ventos fortes. Logo senti falta do chá quente que me ofereceram diversas vezes durante o dia, enquanto visitávamos as instalações do Instituto de Paleontologia de Vertebrados e Paleoantropologia da China. O professor Xiaolin Wang, Dr. Wang, como o chamávamos, é pesquisador deste Instituto e que juntamente com seus alunos, nos recepcionou muito bem. Claro que tudo isso não seria possível sem o senhor dos pterossauros do Brasil e renomado cientista, o professor Alexander Kellner, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que nos disse:

— *Tomem todo o chá que eles oferecerem! Afinal, não podemos decepcionar os nossos anfitriões.*

Eu não fui a única a sentir falta dos chás. Do lado de fora do hotel, eu avistei na penumbra da noite um senhor dando inúmeras voltas na

tentativa de aquecer o corpo, pois seu casaco de “couro de mamute”, como ele o apelidou, não estava dando conta.

— Professor Álamo, o que faz aqui fora? Perguntei.

— Estou tentando aquecer o corpo enquanto recolho essas folhinhas de Ginkgo caídas no chão! Você viu como são bonitas? Disse ele.



Entre expedientes no IVPP e passeios na cidade de Pequim, a professora Taíssa, a paleontóloga brasileira mais chinesa que conheço, nos alertou:

— Preparem os pés, vocês irão andar muito!

E de fato, a Cidade Proibida, com uma área de mais de setecentos mil metros quadrados, tinha muito a ser percorrido, além dos parques Beihai e Jingshan. Mal sabia eu, que ao final do passeio, nos reuniríamos para apreciar uma das mais famosas iguarias do mundo oriental: *pídàn* ou ovo milenar. O que achar daquele ovo cinzento, com gema marrom e textura de gelatina? Comi um pedacinho, com muito receio, mas até que não era tão ruim quanto a aparência. Afinal, quando eu voltaria à China novamente?

Na Estação de Trem de Pequim havia milhares de passageiros aguardando embarque, e lá estava nosso grupo, juntamente com os colegas chineses. Não era qualquer estação, pois mais parecia um grande aeroporto internacional, com telas gigantes e luminosas, lojas de todos os segmentos, cinema... e tudo parecia funcionar em perfeita harmonia, exceto o frappuccino de chá verde que eu estava tomando, numa tentativa de sair do trivial. Na tela gigante apareceu a nossa plataforma de acesso ao trem e no meio daquela bagunça organizada, nos dirigimos ao portão. O trem bala ia sair de todo jeito, mas o Álamo, acostumado com a vida calma do Cariri, não sabia onde havia colocado o bilhete de embarque para Hefei, que ficava a cerca de mil quilômetros, numa viagem que duraria no máximo 4 horas. Faltando poucos minutos para a saída do trem, ainda havia muitas pessoas tentando entrar ao mesmo tempo na plataforma. Sorte que o Xin ainda não tinha cruzado a catraca e começou a vasculhar a mochila do Álamo, que naquele momento enfiou as mãos nos bolsos do casaco de “couro de mamute” e abriu a carteira com os dedos trêmulos. Ao invés de achar o bilhete, o que vimos foi um espetáculo de folhas de *Ginkgo* caindo para todos os lados. As folhas amarelinhas literalmente voaram à medida que as mãos passavam pelos bolsos e lá estava o bilhete entre elas.

Conseguimos chegar a tempo de participar da Décima Sexta Reunião Anual da Sociedade Chinesa de Paleontologia de Vertebrados. Mas o que



Trabalhando com fósseis na China.

estaria fazendo uma paleobotânica numa reunião de paleontólogos de vertebrados? Sugerindo que os pterossauros seriam bons dispersores de plantas! Ah! Esqueci de comentar, os fósseis chineses são realmente incríveis, mas os de pterossauros...

Mesmo ainda perplexa com a magnitude do hotel cinco estrelas em que ficamos hospedados, como gentileza do Dr. Wang e sua equipe, eu só pensava nos fósseis que eu poderia e gostaria de ver dali por diante... E meu pensamento foi interrompido pela moça do restaurante que gentilmente me serviu um café com leite bem quente, como eu havia pedido. Era o melhor café da manhã de hotel do mundo – pelo menos para mim – pois me fez

esquecer das iguarias que eu havia provado num jantar diplomático, como o pepino-do-mar, que mais me parecia um verme colossal, com textura de bala de gelatina.

A saída de campo foi muito aguardada! Pelo pouco que consegui decifrar usando o aplicativo de tradução do celular, o roteiro dizia que iríamos fazer uma viagem pelo tempo geológico, começando por uma recém-descoberta assembleia de idade ediacariana, conhecida como a paleobiota Lantian, com idade aproximada de 600 milhões de anos. Eu não acreditei quando vi pela primeira vez uma espécie extinta de alga neoproterozoica, chamada *Anhuiphyton lineatum*, e sim, fora eu que havia coletado este espécime. Também conhecemos alguns afloramentos do limite Permiano-Triássico que mais pareciam ilustrações de capas de livro de geologia. Aquilo era es-tu-pen-do! Eu estava diante de rochas que guardam o registro da maior extinção em massa que dizimou cerca de 90% de todas as espécies marinhas e reorganizou ecologicamente a flora terrestre! E eu podia literalmente tocar no limite temporal com as minhas mãos. Isso ecoou na minha cabeça por um longo tempo até chegarmos ao condado de Xiuning.

Naquele dia, tivemos um jantar de confraternização do evento, e eu já estava acostumada a usar o hashi numa tigela do tamanho da palma da minha mão. Nos juntamos aos chineses naquelas grandes mesas redondas e começamos a provar do que nos era servido. Contudo, algo começou a me incomodar bastante... era um cheiro forte, como se alguém do lado estivesse, no mínimo, há três dias sem banho. O que não imaginava é que se tratava de um peixe fermentado da culinária de Anhui, o *Chouguiyu*. Um tipo de peixe que os chefs deixam propositalmente apodrecer antes de cozinhá-lo, por isso o cheiro fortíssimo – quem gosta, gosta muito, quem não gosta, odeia, como disse um dos colegas chineses. E eu odiei.

O Condado de Xiuning também guardava tesouros geológicos no Monte Qiyun, que é conhecido como uma das quatro montanhas sagradas do Taoísmo. “Qiyun” em chinês significa “tão alta como as nuvens” – um local bem curioso para se achar fósseis de pegadas de dinossauros do Cretáceo Superior. As trilhas de terópodes estão perfeitamente preservadas ali, mas diferente do corriqueiro, era necessário olhar para cima para observá-las, já que estavam na parte superior de algumas grutas na montanha.



Conhecer a Grande Muralha foi mágico e inesquecível – ainda bem que a professora Juliana Sayão (minha orientadora e amiga) insistiu muito para que tivéssemos um espaço na agenda para isso. Mas até hoje sinto que o meu joelho esquerdo não se recuperou dos muitos degraus que subimos, além da torção boba no meu tornozelo que, por sorte, não me impediu de visitar a coleção do IVPP – ver os fósseis da Biota Jehol foi igualmente impactante.

O meu esposo Renan queria muito ver os pterossauros que ele ajudou a estudar e eu fui junto! Enquanto aguardávamos Cinzia, aluna de doutorado do Dr. Wang, nós dois visitamos a exposição do Museu do IVPP (Museu de Paleozoologia da China) e dentre as centenas de fósseis que estavam ali, eu fiquei paralisada observando um espécime de *Anomalocaris*. Que bicho esquisito, pensei!

— *Flaviana, venha ver as plantas fósseis que tem aqui!!!* Disse Renan.

Sou fascinada por plantas no geral, mas tenho uma queda pelas angiospermas, as plantas com flores e frutos. Elas dominam tudo hoje em dia e sua história começou provavelmente há cerca de 145 milhões de anos atrás, no Cretáceo... A China, assim como o Brasil, é um dos principais locais no mundo para o entendimento da evolução deste grupo. E o que eu vi por lá? Lindos fósseis de *Sinocarpus* e *Archaefructus*.

Após centenas de fotografias, Cinzia finalmente nos levava para ver a coleção. Nós já havíamos conversado muito sobre os espécimes que ela estava trabalhando e naquele momento eu ainda não entendia como eu poderia ajudá-la, pois ela insistia em me perguntar sobre algumas plantas do Cretáceo. Renan tratou logo de ver os pterossauros e me mostrar todo empolgado os vários crânios e ossos isolados de *Hamipterus*. Já era fim de tarde na capital chinesa e a luz que entrava pela janela do sétimo andar me fazia pensar em como a Paleontologia pode proporcionar experiências incríveis – eu estava em uma das instituições científicas mais poderosas da China, vendo os fósseis mais interessantes para a paleontologia mundial atualmente.

Voltei para o que estava fazendo e vi um caixote muito bem acondicionado no chão, coberto por uma manta branca e leve, quase como uma seda. Cuidadosamente eu fui removendo aquele pano...

— *Renan! Aqui tem um dinossauro completo com pena e tudo!* Quase gritei, tentando conter minha euforia paleontológica.

Era um *Caudipteryx*, excepcionalmente bem preservado, completo, articulado, tinha penas... como já era de se esperar nos fósseis chineses, mas ver pessoalmente e tão de pertinho... nunca imaginariámos!

— *Flavis, trouxe alguns fósseis para que você veja, são de pterossauros! Mas algo me diz que você vai gostar de vê-los.* Disse Cinzia toda sorridente.

Sentei-me na cadeira, ajustei a lupa e olhei uma, duas, três vezes e custei a acreditar. Aquele pterossauro tinha algo muito incomum no registro fossilífero... conteúdo estomacal preservado!

— *São sementes! São sementes!* Eu disse. — Os pterossauros comiam plantas! No caso, ao menos aquele.

E bem ali na minha frente estava não só uma, mas várias evidências de que os pterossauros provavelmente foram bons dispersores de plantas no passado do nosso planeta.

Após duas longas e incríveis semanas, lá estávamos nós reunidos novamente no aeroporto, e aquele medo de atravessar o Oceano Atlântico ainda me causava náuseas. Enquanto o avião subia no trajeto de volta para casa eu pensava, quais seriam as plantas do Araripe que os pterossauros comiam?



Fresia Ricardi-Branco

PESQUISANDO ENTRE FOLHAS E FACES DA LUA

Uma das premissas para poder entender o que você está estudando em Paleontologia radica em poder imaginar e esboçar um cenário básico de como os fósseis que estão sendo prospectados, coletados, estudados, etc. foram parar nesse local e o que representam frente à realidade do conjunto de seres vivos que habitavam essa região, o que faziam, como interagiam, e assim por diante.

É muito difícil, se você nunca foi num estuário (local da foz de um rio dominado pela ação das marés), por exemplo, imaginar como será o registro fóssil que pode se originar de um local como esse. O mesmo vale para qualquer outro local. Por isso, uma das experiências mais gratificantes de pesquisa que já tive, foi estudar como os depósitos (acumulações) de folhas e outros órgãos vegetais se formam. O que representam da mata que habita no local, como se preservam e sob qual clima habitaram? Os depósitos fósseis de vegetais são super importantes, pois são fiéis indicadores de mudanças climáticas e a base cadeia alimentar no continente. Sem elas não existiria o registro de dinossauros ou mesmo nós, mamíferos, não estaríamos por aqui no século XXI.

Assim, para entender melhor alguns registros de vegetais que já havia estudado, decidi ir estudar as acumulações de vegetais que atualmente são depositadas na bacia do Rio Itanhaém, localizado no litoral sul do estado de SP. Para quem não conhece a bacia hidrográfica do Rio Itanhaém, esta é a segunda maior bacia litorânea do Estado de São Paulo com uma área de 930 km², com sua maior porção no Município de Itanhaém. Os principais rios que drenam a bacia são o Rio Itanhaém, formado pela confluência dos rios Branco e Preto, e os rios Mambu, Aguapeú e Guaraú. No papel parece fácil, mas lá fomos nós para o campo na bacia. Para as proporções dos rios no Brasil, ela não parece muito grande, mas de perto é bem grande. Antes de contar as nossas aventuras nessa pesquisa é bom explicar que a vegetação moderna da bacia não é homogênea estando relativamente bem preservada. Na porção superior da bacia domina a Mata Atlântica, na porção média, a Mata Restinga, enquanto que a porção litorânea é dominada por manguezais e vegetação de duna. As margens dos rios são acompanhadas pela Mata Ciliar, que se mistura com a vegetação predominante nas diversas porções da bacia.

A deposição das acumulações de fitodetritos (folhas, sementes, galhos, etc.) se concentra principalmente nas margens dos rios, principalmente nas curvas (meandros), de maneira que antes de começar os estudos e em vista do tamanho da bacia, decidimos realizar um reconhecimento em lancha a motor (voadeira) pelos principais rios que drenam a bacia, o Itanhaém, o Branco e o Perto. Os dois últimos, diga-se de passagem, têm esse nome pela cor das suas águas, o Preto com mais ácidos húmicos (ou seja, mais matéria orgânica dissolvida na água, possui uma cor marrom) que o Branco. O Rio Itanhaém se forma da confluência do Branco e o Preto, próxima a cidade de Itanhaém. O primeiro problema foi encontrar a lancha e o barqueiro que conhecesse a região. Por sorte, contamos com o apoio do Centro de



Rio Preto, margens com floresta ciliar preservada. Bacia do Rio Itanhaém, SP.

Pesquisas do estuário do Rio Itanhaém (CPeRio), que nos apresentou a pessoa que seria chave na nossa pesquisa, o Sr. José Machado, ou Zezinho como todos o chamam, a quem temos muito a agradecer. Uma pessoa fantástica, com a qual passamos a visitar nos 3 anos seguintes, a cada quinze dias, os locais da pesquisa (seguindo as marés máximas e mínimas de sizígia, ou seja com a lua cheia e nova), usando as lanchas do centro de pesquisa. O Zezinho, posso assegurar sem lugar a dúvidas, é um pesquisador nato, o cientista mais feliz que já conheci.

Antes de seguir, gostaria de aclarar que já há certo tempo eu tinha contato com pelo menos alguns trechos dos rios Branco e Itanhaém, durante os passeios de domingo com a família do meu marido. Assim, já havia visto os fitodetritos sendo carregados pelas águas dos rios e, ao ver a vegetação ao redor, me perguntava o que poderia ser preservado dessa maravilhosa biodiversidade no registro sedimentar, e se com base nesse registro teríamos condição de reconstruí-la, mesmo que apenas em parte. Assim, com recursos de um projeto aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, começamos a pesquisa.

Quando se estuda sedimentologia fluvial, parece fácil. Na teoria, você aprende que em rios meandrantes ou com curvas, como os da bacia do Rio Itanhaém, os meandros têm um lado no qual depositam a sua carga sedimentar (a porção a jusante, na margem interna das curvas) e outro no qual erodem as margens (a porção a montante, na margem externa das curvas). Pois bem, na realidade em um estuário, onde dependendo se a maré está subindo ou descendo, os rios podem correr ao contrário e com uma vasta mata ciliar nas suas margens, ficava complicado, à primeira vista, descobrir os locais onde isso acontece. Mas os fitodetritos continuavam, ante nossos olhos, a ser transportados pelos rios. Assim, depois de nos familiarizar com as tábuas das marés de cada mês para o litoral sul do estado de São Paulo, e decidir que deveríamos ir ao campo durante as marés de sizígia, onde são atingidas as maiores máximas e menores mínimas do período lunar, além de combinar as datas com as atividades da UNICAMP e com as do Zé, finalmente voltamos aos rios. Após várias discussões, foi decidido que somente poderíamos percorrer um dos três rios a cada dia, pois demorava em média três horas para subir o rio e outras três para voltar, contando com as atividades a serem desenvolvidas, e para as quais precisávamos dispor de gasolina suficiente para ida e volta.

Na primeira parte da pesquisa decidimos selecionar seis locais para estudo distribuídos ao longo desses rios e com tipos de vegetação diferentes. Nos horários de maré baixa e por espaço de umas 3 horas, o nível dos rios descia consideravelmente, de forma que os locais onde ocorria a deposição dos fragmentos vegetais, nas curvas dos meandros e dentro do manguezal, ficavam expostos. Para começar, escolhemos os locais de pesquisa, em um dia de lua nova. Eram áreas de mais ou menos 2×2 m, que foram pintadas com uma camada de tinta spray. Uma lua depois (pouco menos de 1 mês), voltamos para verificar o que tinha acontecido com essas áreas, se tenham sido erodidas ou cobertas por novos fitodetritos. Vimos que tinha de tudo, umas cobertas por folhas e outras nas quais a pintura tinha sido removida junto com a camada de folhas.

Me lembro do Zé perguntando: o que vocês estão procurando e querendo coletar? Eu já acompanhei zoólogos, botânicos e ecólogos, mas nunca pesquisadores que buscaram coletar a lama da beira do rio. Assim, literalmente, embarcamos na nossa aventura, pelos rios da bacia do Rio Itanhaém, em muito boa companhia. Discutimos nessas horas de navegação acerca dos mais variados temas e aprendemos muito, fomos educados pelo Zezinho acerca da diversidade de pássaros e a distinguir seus vários tipos de ninhos, acerca dos peixes do estuário, onde apanhar o camarão de rio,

dos bancos de areia do rio, tipos de orquídeas epífíticas, os nomes das árvores, receitas de peixe assado etc.

Após identificar cinco locais onde se acumulavam as folhas e outros biodetritos, coletamos todos os que estavam depositados em uma área de 2 x 2 m, um monte de folhas meio enlameadas e meio grudentas, e aí veio a segunda questão chave: elas são de qual planta? Bom, para resolver o enigma contei um amigo botânico, que nos ajudou muito nessa pesquisa e em outras que foram geradas a partir dela. Assim, nossa próxima tarefa, foi a coleta de amostras com flores, folhas e frutos, da vegetação ao longo do rio e ao redor dos locais de coleta de folhas. Como se pode imaginar, a esta altura da pesquisa a nossa equipe, inicialmente composta por 3 membros já tinha dobrado, pois além do botânico já tínhamos também alunos da graduação nos ajudando. E ainda viram se incorporar mais pesquisadores.

Enfim, após as coletas que já mencionei, colocamos telas de plástico sobre a serapilheira, nos mesmos locais de coleta das folhas nas curvas dos meandros, sempre na lua nova, para delimitar um tempo 0 de acumulação, a partir do qual foi possível saber quanto tempo estava envolvido na deposição das folhas coletadas na beira do rio. Nesta etapa já tínhamos descoberto que as folhas depositadas pertenciam às árvores mais altas e às espécies mais abundantes (mais ou menos umas 20 espécies) que conseguimos identificar da mata próxima da curva onde foram depositadas. A seguir monitoramos esses locais contando, a cada 30 dias, o número de fitodetritos que foram se acumulando ao longo de 1 ano.

Nessa etapa de campo, descobri que sou alérgica a picada de mutuca, após levar umas 20 picadas num dia só e ter as duas pernas inchadas. Foi uma experiência diferente, com a qual quase fui parar no hospital. Enfim, passei a ir de calças compridas, mangas compridas e botas de borracha e assim levar somente 1 ou 2 picadas, por vez. Aqui devo comentar como a picada de mutuca é ardida e demora umas 2 semanas para parar de incomodar, pelo menos. Por sorte, não tinha muitos pernilongos e nem borrachudos de manhã e, principalmente, não havia carrapatos, pois sempre sou eu quem mais pega nas saídas de campo.

Faltou contar que após vários meses de navegação, o Zezinho veio com a notícia de que tinha avistado na beira do Rio Preto uma camada espessa de folhas, *assim como a Fresia gosta*. Fomos lá, e realmente, eu gostei! Era uma camada em uma curva do Rio Preto com uma espessura de, aproximadamente 20 cm, só de folhas, uma gracinha, lembrava mesmo um bolo de mil folhas. Se pulássemos no local parecia que estávamos sobre um colchão... Penso que, com base na nossa amostragem, lá devia ter mais de

100.000 folhas, depositadas. E aí veio a próxima dúvida: como esse negócio se acumulou? E não apodreceu? Será o único ou terão mais camadas abaixo dela? E quando se formou? E o melhor, não era a única acumulação desse tipo. Depois de ver essa camada, começamos a reconhecê-las em muitos outros locais semelhantes e mesmo em outras bacias que estudei também, mas essa ainda é a minha preferida.

A essa altura já tínhamos confirmado que as assembleias que foram coletadas no início da pesquisa representavam mais ou menos 1 ano de deposição e, na verdade, não passavam de 1 cm de espessura. Para solucionar todos esses novos enigmas, recolhemos um testemunho no local, o que consiste em enterrar um tubo de alumínio oco na beira do rio, tampar a extremidade superior e puxá-lo de volta, entre várias pessoas, pois vem cheio de lama, mas mantendo as camadas em ordem. No laboratório, abrimos o tubo serrando as laterais e constatamos que havia diversas camadas espessas de folhas, intercaladas com camadas de areia fina. Após datar por ^{14}C , descobrimos que foram depositadas em meados do século 20 e que era um processo que acontecia de forma recorrente. Uma vez obtidas e calibradas as datas, procuramos pelos registros meteorológicos da região de Itanhaém e da baixada santista e descobrimos que as datas das camadas de folhas correspondiam aos anos com mais precipitações do registro, ou seja, a anos com muito vento. Não falei no início que a vegetação fornece dados superimportantes acerca do clima?

Como passamos a encontrar mais e mais dessas camadas com muitas folhas que são, na verdade, as que têm as maiores chances de ser preservadas no registro sedimentar, resolvemos fazer mais testemunhos ao longo do Rio Preto. Entretanto, conversando com colegas amigos da área de geofísica (Instituto de Geociências da Universidade de Brasília), eles me sugeriram utilizar uma técnica diferente e mapear essas acumulações de folhas por métodos geofísicos, uma vez que elas têm uma resposta diferenciada das camadas de arenitos quando interagem com uma onda acústica gerada por um equipamento e assim poderia saber pela sua resposta acústica qual a sua distribuição em subsuperfície. Dessa forma, percorremos 22 quilômetros do Rio Preto durante dois dias e fizemos um mapa da distribuição dessas camadas. No final da pesquisa registramos, com essa técnica, que essas camadas estavam presentes por toda a extensão do Rio Preto, especialmente nas curvas, ou seja, os depósitos de acumulações, pelo menos ao longo do Rio Preto, são bastante frequentes.

Durante o transcurso desses anos de pesquisa na bacia do Rio Itanhaém, seguindo as fases da lua, realizei uma pesquisa diferente das

tradicionais em Paleontologia, mas que representa uma forma de interpretar os depósitos de fósseis, alguns deles bem semelhantes aos depósitos do Rio Preto. Este tipo de estudo pode ser realizado com qualquer organismo atual. O nome da parte da Paleontologia que realiza esses estudos é Tafonomia e a pesquisa realizada nesta área tem ajudado muito a entender e interpretar os processos envolvidos com a deposição e preservação dos restos orgânicos ao longo do registro geológico. A minha pesquisa trouxe respostas à minha dúvida inicial e confirmou que é possível reconstruir a vegetação de uma área com base nos seus registros, ter uma ideia das espécies dominantes e poder atribuir a sua distribuição à presença de eventos excepcionais como os que depositaram as acumulações espessas do Rio Preto.



Max Cardoso Langer

Você é GRANDÃO...

Lá pelos idos de 1995, quando eu era aluno de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participei do meu primeiro trabalho de campo para o interior do estado. Tratava-se de um levantamento de feições sedimentares da Formação Botucatu que o Claiton Scherer (hoje professor da UFRGS) fazia para seu doutorado, acompanhado pelo à época também aluno de doutorado, hoje paleontólogo da CPRM, Édio Kischlat. Apesar de não ser um trabalho de coleta, no final das contas acabamos prospectando os famosos sedimentos da Formação Santa Maria, em busca de tetrápodos fósseis do Triássico, e pernoitando um dos

dias em São Pedro do Sul. Ficamos no Cordoni, único hotel que havia na pequena cidade, daqueles que tinham uma pia no quarto, com um cartaz inutilmente sugerindo que ela não fosse usada como mictório, mas os chuveiros e privadas eram em área comum.

Chegando do campo, fui ao banheiro; me lembro que estava de calça jeans e sem camisa. No caminho passei por um senhor, que olhou para mim e disse: “— *cuidado você vai pegar um resfriado*”, provavelmente porque eu também estava descalço (eu era menos nojento na época). Respondi algo como “— *não, tranquilo*” e fui para o apartado. Na volta, o tal senhor seguia de pé, no mesmo lugar, como que esperando meu retorno. Parecia que ele havia escovado os dentes com pressa, pois uma pelota de espuma pendia do lado de sua boca. Com a espuma resistindo bravamente, ele voltou a falar comigo, primeiramente perguntando se eu era da banda que ia tocar de noite na cidade (eu tinha o cabelo comprido na época); falei que não, que era geólogo e estava mapeando a região. Com certa frequência falo que sou geólogo (na verdade sou formado em Ecologia), pois é mais fácil de explicar o que a gente faz pendurado em barrancos por aí. Revelei que morava em Porto Alegre, ao que ele respondeu que estava indo para lá, e me ofereceu uma carona. Percebendo que o papo estava ficando errado, comecei a caminhar de volta para o meu quarto, ao que ele foi me seguindo, falando sei lá que sorte de abobrinhas e com a maldita pelota de espuma ainda firme e forte. Chegando no quarto, já bem cabreiro, entrei e posicionei meu corpo meio que formando uma barricada vertical, entre o batente e a porta que abria para dentro, protegendo a entrada.

Ele continuava falando e falando. Quando eu dei a entender que, definitivamente, iria fechar a porta para acabar com o papo, ele viu sua última chance e decidiu por um movimento mais ousado. Como que babando a espuma de pasta de dente, gracejou “— *você é grandão, deve ter um pinto grandão*” e tentou com uma das mãos alcançar a minha genitália. Recuei aterrorizado, tentei fechar a porta sobre seu braço, que como em um filme vagabundo se debatia para dentro do quarto. Por fim ele tirou o braço, rapidamente fechei a porta e sentei incrédulo na cama.

À noite, caí na besteira de contar o ocorrido para o Édio e o Claiton, que com razão me encheram a paciência durante o restante da viagem. Não tenho ideia se eles se lembram dessa história, tem hora que eu mesmo tenho dúvidas se aconteceu mesmo, ou se foi um pesadelo. Na minha lembrança, encontrei o velho novamente no dia seguinte saindo do hotel (felizmente já sem a espuma na boca). Incautamente educado, resolvo cumprimentá-lo. Vendo sua face se encher de esperança, viro para nunca mais ver a figura, mas

ficando com esse causo constrangedor na memória, que é frequentemente lembrado nos churrascos com meus alunos.

Hoje, talvez mesmo na época, isso seria considerado assédio. Pode ser estranho, mas não recordo de ter me sentido agredido ou mesmo ofendido. É óbvio que seria diferente se eu não fosse maior, mais forte que ele. Na verdade, fiquei com pena do cara, que sob ação de uma força incontida se expunha à repulsa de desconhecidos, revelando desesperada coragem ou mesmo fútil esperança em um mundo que inevitavelmente o repudiaria com asco. Não dá para não pensar em Gregor Samsa ou no monstro sem nome de Shelley; talvez isso tenha me impelido a cumprimentá-lo no dia seguinte. Afinal, somos todos irmãos enquanto escravos dos nossos desejos, assombrados por nossa vergonha e cientes da nossa mediocridade. Se entregar a isso, com a lama da qual todos viemos refletida na pele alquebrada de um idoso, talvez seja a mais sublime das libertações.



Vladimir de Araújo Távora

TRABALHO DE CAMPO, MISTICISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Ilha de Fortaleza se localiza em São João de Pirabas, município litorâneo do nordeste do Estado do Pará, cujo acesso se cumpre unicamente por embarcações de madeira de pequeno porte, normalmente pesqueiras, a partir da sede do município. Este percurso dura entre quarenta a sessenta minutos, cuja partida deve acontecer exatamente no início da maré baixa.

Este acidente geográfico tem importância científica singular, pois abriga a ocorrência mais expressiva dos calcários da Formação Pirabas, unidade que guarda a melhor documentação aflorante do Cenozoico marinho brasileiro. Por esta razão se configura como um grande laboratório paleontológico a céu aberto, onde realizo periódicas campanhas de campo para os nossos estudos paleontográficos e paleobiológicos em desenvolvimento no Laboratório de Paleontologia da Universidade Federal do Pará.

Estes afloramentos, entretanto, também estão fortemente ligados às lendas e ao sincretismo religioso da região, onde são cultuados caboclos e entidades do culto afro-brasileiro, mesclando elementos históricos e mitológicos, circunstanciados na Amazônia. Este campo sagrado e encantado que representa mais um exemplo de apropriação de rochas para manifestações religiosas, localiza-se na Ponta do Castelo, sendo composto por cinco monumentos próximos entre si, todos assentados sobre base de concreto armado, sendo um natural e os demais moldados no mesmo material de sua base.

O primeiro e mais importante corresponde a uma representação do Rei Dom Sebastião ou Rei Sabá, uma pedra irregular de cor marrom escura, que em perspectiva, está associada a um homem negro sentado. Segundo a lenda mais difundida, Sabá foi um rei de uma das tribos de origem dos escravos, que estava entre um grupo de capturados para serem vendidos no Brasil. O navio negreiro em que viajava naufragou nas costas do Pará, e parte da tripulação cativa se salvou, entre eles o rei Sabá, que nadando conseguiu chegar até a ilha de Fortaleza. Ele nunca conseguiu sair da ilha e passava seus dias sentado nas pedras olhando para o mar, com saudades de sua terra. Após a sua morte, se materializou no local após séculos de vida no plano das encantarias. Não se sabe ao certo quando começou esta manifestação mística do litoral amazônico, sendo unânime entre os religiosos afro-brasileiros os seus poderes mágicos. O status de membro da realeza atribuído a esta entidade está configurado principalmente nas fitas de seda e colares de contas que envolvem o monumento.

As demais imagens representam outros elementos religiosos, que foram associados ao rei Sabá pelas comunidades religiosas de matriz africana da microrregião de seu entorno. As estátuas representam os caboclos Jarina, Mariana, Zé Raimundo e Iemanjá, como representação próxima das sereias.

Todos os anos, em 20 de janeiro, ocorre neste local uma festa sacro-profana com grande participação popular, onde são proferidas orações, sonorização de tambores, cantos e danças.

O fato é que a localização deste campo sagrado, em uma ponta muito ventilada, inundada durante a maré alta e com ondas muito agitadas, confere ao local uma aura sobrenatural e mística.

Trabalho de Campo e Pernoite na Ilha

Com o objetivo de efetivar novas coletas de corais e consolidar a ampliação do conhecimento do grupo, foi planejado para junho de 2014, um trabalho de campo para a Ilha de Fortaleza. Para não comprometer as atividades de aulas dos envolvidos, e otimizar o tempo de trabalho, optamos por pernoitar na própria ilha. Com isso ganharíamos o tempo de deslocamento entre a ilha e a sede do município de São João de Pirabas, bem como alinhar estes deslocamentos com o movimento das marés.

Chegamos na sede do município na noite de sexta feira, para que no sábado logo cedo fizéssemos a viagem de barco. Saímos com grande quantidade de bagagem pois além do material de campo também levamos todos os elementos logísticos para pernoite na Ilha.

Considerando conhecer toda a aura de sagrado e encantamento há bastante tempo, tive conversas com os aprendizes que me acompanharam neste campo, sempre ressaltando o respeito ao campo sagrado e encantado, e que os monumentos são representações de entidades religiosas.

Chegando lá, antes de iniciar o trabalho levei-os até as estátuas, discutimos os fenótipos e o significado de cada peça das alegorias, e algo igualmente relevante, não mexer nas oferendas ali depositadas.

O dia de trabalho foi muito produtivo e ao final após a organização das amostras coletadas nos engradados fomos organizar nosso modesto acampamento. Acendemos fogueira e preparamos nosso banquete de macarrão instantâneo e atum em conserva. Exaustos pelo trabalho do dia, nos preocupamos em deixar a fogueira acesa. O vento intermitente, a lua cheia e o barulho das ondas completavam o que pressupostamente seria uma noite tranquila e agradável.

Só que não foi bem assim. Começamos a escutar sons semelhantes a vozes humanas. O silêncio que se instalou entre nós quatro denunciou a sensação de medo que nos envivia. Para quebrar aquele clima, eu rapidamente puxei minha mochila, tirei minhas castanholas e me pus a tocá-las, incentivando os alunos a cantarem músicas de suas preferências que acompanharia com o instrumento que tocava. A ideia foi boa mas não surtiu o efeito esperado, pois parecia que o som das vozes tinha se tornado mais alto.

Um dos alunos comentou que o som poderia vir do lugar onde as estátuas estavam, e que as entidades estariam reclamando de nossa presença ali, sem termos pedido permissão. Essa observação parece ter trazido um vento congelante em nossa direção, que nos deixou apavorados. Olhei o relógio e ainda não tinha sequer passado das 21:00 h, fazendo-me calcular imediatamente quantas horas de escuridão ainda teríamos de passar.

Depois de poucos minutos que mais pareciam horas escutamos vozes que seriam de pessoas conversando, cujo som estava se tornando cada vez mais próximo. Do ponto em que estávamos era possível ver com a claridade do luar, a estátua do Rei Sabá, e como que nos rendendo, fixamos o olhar nesta direção. A única coisa que eu conseguia fazer era fumar um cigarro atrás do outro.

Sem qualquer noção de tempo nos demos conta que as vozes estavam muito próximas, sendo possível entender algumas palavras ditas, mas que não conseguimos entender devido ao pavor e ao olhar fixo em direção a representação da entidade afro-brasileira máxima daquela ilha.

De repente, ouvimos claramente uma saudação de boa noite. Nossos olhares se desviaram rapidamente na direção de onde vinha tal saudação, e vimos quatro homens que pareciam carregar cada um deles uma grande protuberância nas costas à primeira vista similar a uma corcunda. Ao perceberem nosso silêncio de total pavor, eles riram e tiraram suas possíveis corcundas. Na verdade, eram pescadores, e as corcundas eram redes de pesca enroladas.

Eles quiseram saber o que fazíamos ali, e ao explicarmos nossa aventura paleontológica, disseram que haviam deixado o barco distante, e estavam indo em direção a um dos ranchos onde fariam a despensa dos currais, feita sempre durante a maré baixa, e estenderiam as redes para que ao amanhecer checassem se precisavam de algum reparo em suas estruturas. Tais ranchos não são residências propriamente, mas sim pequenas casas temporárias de madeira e cobertas de palha, construídas para apoio em suas atividades diárias. Ressaltaram ainda que por conta da maré que estava baixa, era mais rápido naquele momento que se deslocassem a pé.

Ficamos conversando animadamente por cerca de uma hora. Falamos inclusive sobre o misticismo da ilha, mas fomos assegurados que só teríamos problemas com as entidades se tripudiássemos do seu significado de fé e religiosidade. E antes de se despedirem comentaram também que a ira das entidades é também provocada quando a natureza e seu equilíbrio é agredida.

Passado o susto, e percebendo que o som de vozes identificado inicialmente era fruto da combinação entre o vento e nosso medo, acabamos por dormir tranquilamente o resto da noite e madrugada.

Reunindo experiências anteriores e a conversa com os pescadores me permitiu compreender que os mitos, lendas e elementos do sincretismo religioso amazônicos são agentes de difusão da preservação sustentável do meio ambiente, ao impor castigos assustadores ou malignos aos que ousam atacar a natureza. É uma educação ambiental informal, porém eficiente.

Mesmo assim, os trabalhos de campo para a ilha de Fortaleza, em especial à Ponta do Castelo, são realizados EXCLUSIVAMENTE durante o dia, e sempre voltamos à sede municipal de São João de Pirabas para pernoite.



Rafael Delcourt

PERNAS TROCADAS

Visitar coleções paleontológicas faz parte do trabalho da grande maioria dos paleontólogos. Muitos de nós gostamos de passar horas e horas em coleções para examinar fósseis, tirar fotos, fazer anotações, comparações, e quem sabe até descrever uma espécie nova. Não é incomum que novas espécies (e espécimes incríveis!) sejam descritos a partir de materiais coletados há muito tempo e, que agora, se encontram em alguma coleção paleontológica aguardando pelo cientista competente para analisá-los. Também não é raro encontrar fósseis coletados há várias décadas

sem nenhuma descrição ou estudo realizado. São nas diversas coleções paleontológicas do mundo onde estão armazenados e guardados os fósseis dos organismos que viveram há milhares, milhões e bilhões de anos na superfície de nosso lindo planeta azul.

Eu, particularmente, divido meu amor na Paleontologia entre estar em campo, escavando e coletando, e estar enfiado em uma coleção estudando dinossauros. Para mim, essas são as atividades mais prazerosas em minha profissão de pesquisador. Já tive a felicidade de visitar diversas coleções ao redor do mundo para examinar fósseis. E cada uma apresenta suas peculiaridades, regras de visitas, orientações de curadoria (a forma como os responsáveis pela coleção cuidam dos fósseis), espaço para pesquisa, etc., etc. Visitar coleções paleontológicas também pode ser uma ótima oportunidade para se fazer novos amigos e firmar parcerias, além de conhecer pessoalmente as pessoas que você usa como referência em um texto.

Apesar do momento de visita às coleções ser muito prazeroso, não deixa de ser cansativo, pois exige-se muita atenção, cuidado e otimização de tempo. Uma coisa que tenho aprendido ao longo desses anos é: otimize seu tempo, olhe, examine e fotografe da melhor forma possível tudo o que for permitido. TUDO! Mesmo que você não tenha um interesse imediato. Se for permitido, pelas regras da coleção, examine e fotografe. E, claro, não se esqueça de anotar e desenhar o que você está examinando sempre que puder. Assim, você pode criar sua biblioteca de imagens e informações de fósseis que podem ser difíceis de examinar mais de uma vez. Imagine o preço a se pagar para examinar os fósseis do *Limusaurus* na China. Ou um *Ceratosaurus* nos Estados Unidos. Tudo isso envolve custo de passagens aéreas, hospedagem, comida e gastos adicionais. Por isso, é preciso ter muito critério e um roteiro para examinar coleções paleontológicas a fim de aproveitar melhor o tempo.

Além disso, é necessária a diplomacia. A arte de conhecer e saber como lidar com pessoas de diferentes lugares e culturas sem causar nenhum desconforto para o anfitrião da coleção e nem para você mesmo. Por fim, também é preciso conhecer o instituto de pesquisa onde você está indo. Onde fica, e quais são suas regras. E foi nesse ponto que eu quase causei um baita acidente diplomático entre minha instituição de pesquisa da época (o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP) e o Central Museum of Mongolian Dinosaur.

Faltando alguns meses para finalizar meu doutorado pelo MZUSP, em meados de 2015, eu fiz uma viagem de um mês para visitar o Institute of Vertebrate Palaeontology and Palaeoanthropology, em Beijing na China, e

o Institute of Palaeontology and Geology, em Ulaanbaatar na Mongólia. A ideia era examinar os tiranossauros e ceratossauros dessas coleções asiáticas. Minha tese de doutorado foi sobre a evolução dos padrões morfológicos desses dois grupos de dinossauros carnívoros que estavam distribuídos majoritariamente no hemisfério norte (os tiranossauros) e no hemisfério sul (os ceratossauros).

Depois de ter ido visitar a China durante duas semanas, peguei um voo e desci na capital mongol. O lugar é incrível. A Mongólia é incrível e, certamente, um lugar que vale muito a pena ser visitado. Suas belezas naturais, seu povo e sua História, certamente são dignos de admiração e respeito.

Depois de ter me instalado em um albergue no subúrbio de Ulaanbaatar, fui direto ao Palaeontological Center conversar com o diretor, o Prof. Dr. Khishigjav Tsogtbaatar. Ele foi muito solícito e receptivo. Conversamos bastante e expliquei para ele em que consistia minha pesquisa de doutorado e como eu estava coletando dados ao redor do mundo para estudar a evolução dos dinossauros. Ele designou o sr. Ulziitseren Sanjaadash para me acompanhar e auxiliar nas necessidades acadêmicas. Ulzi, como ele prefere ser chamado, é um senhor muito simpático e gerente da coleção paleontológica do Palaeontological Center. Isso foi numa sexta-feira. Uma vez que a coleção fica fechada durante o final de semana, pude conhecer melhor a cidade e explorar a culinária e praças mongóis (jovens, sempre provem as comidas típicas dos lugares que vocês visitam).

Descobri então o museu dos dinossauros, ou o Central Museum of Mongolian Dinosaur. Quando entrei, fiquei fascinado. O museu era pequeno, mas com uma quantidade incrível de espécies de dinossauros. Os materiais eram lindos. Pareciam ter morrido recentemente de tão bem preservados. Pensei comigo: “esse Tsogtbaatar é um sujeito de muita sorte por ser curador de uma coleção tão incrível.” Isso foi no domingo.

Na segunda-feira de manhã, acordei com aquela empolgação de uma criança em dia de Natal. Peguei meu tripé, minha câmera fotográfica, meu computador e meu caderno e parti para a coleção. Meu sentimento era que eu ia ganhar o mundo com os dinossauros da Mongólia. Ao chegar no museu, me identifiquei. Disse que era o paleontólogo brasileiro que ia olhar a coleção sob a autorização do Prof. Tsogtbaatar. O sr. Ulzi não estava lá, mas certamente iria me encontrar pela manhã.

A moça da recepção foi bem compreensiva, e ainda que não falasse muito bem inglês, me levou para mostrar o material. Eu tinha pedido para examinar o lindo espécime de *Tarbosaurus* sub adulto que estava montado no

hall principal do museu. Ela me encaminhou até ele e me deixou à vontade. O material estava lindamente preservado e virtualmente completo. Deveria medir uns 5-6 metros de comprimento e estava em uma pose majestosa, como esses bichos deveriam ser mesmo em vida. Saquei a minha câmera e meu caderno e comecei os trabalhos.

A coleta de dados durou toda a manhã e o início da tarde também. Nada de Ulzi chegar. Enquanto examinava o espécime, não pude deixar de perceber certos equívocos na sua montagem. A tíbia esquerda estava no lugar da direita e diversas vértebras da cauda estavam dispostas em ordem errada. Ao perceber isso, tomei nota imediatamente e chamei a moça que havia me recepcionado. Como nem o sr. Ulzi e nem o Prof. Tsogtbaatar estavam presentes, deixei com ela umas anotações e correções a serem realizadas para uma montagem correta do esqueleto. Eu também tinha a intenção de falar pessoalmente com o professor quando nos encontrássemos. Nesse momento, eu já estava finalizando meu trabalho com aquele espécime. Ela agradeceu e se retirou. Passados uns 20 minutos ela retornou e disse que o diretor gostaria de falar comigo. “— Ah! Que bom. Ele está aqui. Vamos poder conversar.”

Ela me guiou até uma sala ampla e lá estava uma mulher sentada em uma mesa central com uma expressão de poucos amigos. Via-se claramente que ela era uma autoridade no local. A mulher olhou para mim sem me cumprimentar e trocou algumas palavras com a minha guia em linguagem mongol que eu não pude entender. Depois disso manteve sua atenção nos papéis em sua mesa. A minha guia pareceu bem desconfortável e me pediu para esperar ali mesmo que dentro de alguns instantes alguém viria falar comigo. Eu disse: “— Ok.” E fiquei esperando sentado.

A situação foi ficando cada vez mais constrangedora, porque a mulher sentada à mesa central não dirigiu uma palavra a mim. Eventualmente atendia o telefone, mexia nos papéis e olhava para mim com expressão de desagrado. O tempo foi passando e nada de vir alguém. A sala era bem clássica, com uma bandeira da República da Mongólia e diversos quadros de pessoas importantes que eu não conhecia. Os detalhes de madeira na parede e na mesa da autoridade deixava evidente que naquele local decisões importantes eram tomadas. Eu esperei 10, 20, 30 minutos e nada de alguém chegar ou a mulher falar comigo. Eu já estava ficando irritado e me sentindo um tanto desrespeitado.

Passado todo esse tempo, Ulzi entrou na sala com cara de assustado e esbaforido. Parecia ter corrido uma maratona antes de chegar. Ele trocou poucas palavras com a mulher da mesa central e deu para perceber que ela



Visitando o *Tarbosaurus* no Central Museum of Mongolian Dinosaur

estava bem desgostosa com... eu não fazia ideia. Ele se voltou para mim e me mandou pegar todas as minhas coisas para irmos embora. Disse que no carro me colocaria a par da situação. Eu me despedi da mulher que continuou sem falar comigo.

Ao entrarmos no carro, Ulzi começou a se desculpar e perguntou o que eu havia ido fazer naquele museu. “— *Estudar os dinossauros, ué, como eu tinha combinado com o Prof. Tsogtbaatar.*” Respondi. Ao que ele, bem sério, começou a me explicar mais ou menos assim: “— *Aquela mulher é a diretora do Central Museum of Mongolian Dinosaur, a Dra. Bolortsetseg Minjin. Ela e o Prof. Tsogtbaatar... não se dão muito bem. O problema é que ela não estava ciente da sua chegada.*” Disse Ulzi. Então eu retruquei:

“— *Mas eu me identifiquei e disse que estava indo sob a autorização do professor. Falei com a moça da recepção.*” Então Ulzi respondeu: “— *Sim, mas provavelmente ela não entendeu. E aquele dinossauro que você estava estudando, o Tarbosaurus, foi repatriado para a Mongólia cerca de um mês atrás sob a supervisão da Dra. Minjin. Ele havia sido traficado há alguns anos e o governo da Mongólia conseguiu recuperar o material. Por isso ela estava tão brava.*”

Ou seja, um pesquisador gringo (no caso eu) pede para olhar um dinossauro que acabou de ser repatriado, mas não conseguem compreender de onde ele é e como ele chegou ao museu. O pesquisador toma notas, tira fotos e ainda por cima corrige a montagem do dinossauro. Não obstante, esse pesquisador tem afinidades com um colega de trabalho cuja relação não é das melhores. É claro que qualquer um no lugar da Dra. Minjin iria ficar muito bravo com esse pesquisador. Em minha defesa, o Prof. Tsogtbaatar me disse que eu poderia olhar todos os *Tarbosaurus*. De modo que eu, inocentemente, incluí aquele espécime montado pensando que estava sob sua supervisão.

Por isso, caro leitor, quando você for visitar uma coleção, seja paleontológica, botânica, zoológica, mineralógica, ou qualquer outra, verifique reiteradamente os costumes e quais são as ligações entre as instituições de pesquisas. Mesmo hoje é relativamente confuso encontrar informações precisas na internet sobre as coleções em questão. Mas isso não me exime de culpa pelo acidente diplomático.

O tráfico de fósseis é uma coisa a ser levado muito a sério. A Mongólia, o Brasil, a Argentina e vários outros países possuem leis para proteção do patrimônio paleontológico. Precisamos e devemos respeitar as instituições nacionais e internacionais e buscar sempre sermos éticos com nossas leis e as alheias. O roubo de fósseis acontece, muitas vezes, de forma institucionalizada. Como foi o caso do dinossauro nomeado ilegalmente de “*Ubirajara jubatus*” que foi depositado no museu alemão Staatliches Museum für Naturkunde Karlsruhe (Museu de História Natural de Karlsruhe). Infelizmente, países com tradição imperialista ainda possuem pesquisadores que persistem em se achar melhores que os demais e comentem toda a sorte de irregularidades. Por isso, a indignação da Dra. Minjin é justificada.

No fim das contas, deu tudo certo e examinei muitos dinossauros na Mongólia e não tive mais mal-entendidos. Sou muito grato aos meus anfitriões e todos os que me ajudaram nesse país tão esplêndido que é a Mongólia.



Renata Guimarães Netto

“CAUSOS” De Uma PALEONTOLOGA - ALGUMAS (BOAS) HISTÓRIAS!

Ingressei na paleontologia em 1985, quando fui convidada pelo eterno mestre Mário Costa Barberena para fazer o mestrado na UFRGS. Não havia quem orientasse em icnologia no Brasil na época, especialidade que já me havia metido e que me rendeu esse convite.

E o Barbê se encarregou de me acolher. Na verdade, minha iniciação na icnologia já rende um causo. Se deu na ainda graduação, a partir de uma monitoria em geologia para biólogos (minha formação de origem), que virou iniciação científica e depois o TCC que chamou a atenção do Barbê. Na ocasião, o Carlos Nowatzki, professor da disciplina, tinha um projeto de fazer um atlas de estruturas sedimentares em português. Vendo meu entusiasmo, me convidou a participar de um campo do projeto. Minha primeira experiência em campo foi épica: cinco pessoas, bagagem, caixa de campo (e depois um monte de amostras coletadas) em um VW Passat, a desbravar as estradas de chão do interior de São Gabriel e Dom Pedrito, no RS. O Passat era um carro baixo e a cada buraco na estrada ele tocava o chão. Após um desses solavancos, o Milton (A.A. Santos, também professor na UNISINOS), notou uma diminuição rápida e progressiva no marcador de combustível. Inspeção e diagnóstico: tanque de combustível furado. E nós, no meio do nada, quase no final da tarde. Rapidamente, a trupe foi convocada a mascar todos os chicletes que tínhamos no carro. O Milton então juntou as massas de chiclete e usou para tampar o furo. Nem sei se já passava “McGiver” na TV naquela época ou de onde ele tirou essa ideia. Mas funcionou e conseguimos voltar para a cidade. Lição nunca mais esquecida: ter chiclete no carro em boa quantidade é parte essencial do equipamento de campo!

Findo o campo, deixamos as amostras na universidade e fui para casa, empolgada com minha primeira aventura geológica. Ainda no ônibus escutei no rádio a notícia de um incêndio sem proporções consumindo o prédio da Unisinos onde ficava o curso de Geologia. O fogo destruiu muitas coisas, mas não apagou nosso ânimo; e dali, começou-se tudo outra vez.

O Nowa foi o grande responsável por eu ter me tornado uma icnóloga. Ele queria que alguém se dedicasse às estruturas biogênicas para o atlas. Me apresentou o livro *The Study of Trace Fossils*, editado por Robert W. Frey (com quem tive o privilégio depois de trocar muitas cartas inspiradoras) que recém havia adquirido e me convidou para decifrá-lo. Mas nada daquilo era fácil e exigia um farto conhecimento de sedimentologia, ecologia e zoologia, dos quais, na época, eu tinha muito pouco. Agradeci, devolvi o livro e disse que não me sentia apta. No melhor estilo “revenge”, o Nowa oferecia, em alto e bom som, a oportunidade e o livro para qualquer estudante que ali chegasse sempre que eu estava na sala. Aquilo foi ficando provocativo demais e, em segredo, comecei a decifrar o livro. E a me apaixonar pelo universo que se descortinava. Tomei coragem e decidi fazer meu TCC com as tais estruturas. Nesse dia, selei meu destino: estudar “tubos de vermes”,

como muitos chamavam os icnofósseis até então. E eles me levaram aos quatro cantos do planeta e me permitiram conhecer, retratar e desvendar um universo que poucos ainda conhecem.

O ano de 1987 foi marcante na consolidação de minha carreira. Fui contratada na Unisinos para atuar em pesquisa na área de icnologia, debutei no Congresso Brasileiro de Paleontologia, consolidei amizades paleontológicas que perduram até hoje e convivi mais de perto com grandes sedimentólogos, que mudaram minha forma de ver a icnologia. Dessa época, guardo alguns “causos”, dos quais dois conto aqui. O primeiro foi no CBP, após a apresentação de meu trabalho, a coordenação da mesa abre espaço para perguntas. Imediatamente, uma mão se levanta. Eu, naquele nervoso da primeira pergunta em público tão seletivo. Eis que vem a fala: “eu queria registrar que pensava que esse Netto, que estava trabalhando a icnologia da Formação Rio Bonito, era um velho, careca, barrigudo, e eis que, para minha grata surpresa, é uma moça, blá, blá, blá!” Ainda bem que nessa época nem se pensava em eventos online onde a nossa cara fica estampada em alta resolução nas telas de todos, pois senti o rosto ficar rosa, vermelho, e por fim roxo! Não sabia o que dizer (e nem lembro se disse algo!). O autor do comentário? José Cândido Stevaux, com quem cultivei uma longa amizade depois desse episódio. O outro, no tradicional curso de campo da Petrobrás na Bacia do Parnaíba.

Primeiro dia de campo, hora do almoço. No meio do nada, no sertão nordestino, sol a pino, nem uma sombra sequer. A equipe de apoio abre a traseira da camionete e improvisa uma tenda com guarda-sóis. Embaixo, instalam uma mesa onde se materializam presunto, queijo, pães, frutas e um cooler com bebidas geladas. Fiz meu sanduíche e me sentei num canto para comer. E vi umas coisinhas se mexendo atrás de uma moita seca. Olhei melhor e eram crianças, esquálidas, maltrapilhas, quase com a mesma cor do chão. Foi meu primeiro contato com a pobreza e a fome no sertão nordestino. Me senti no set de Mad Max, eu mirando aqueles olhos esqueléticos, eles de olho na mesa no meio daquela secura. Depois soube que estavam ali para levar a xepa. Nesse campo, além de ter aprendido sobre o privilégio de nunca ter passado fome, aprendi o que é miséria quando ouvi um homem ofertar a filha por dez reais para um dos “moços” do grupo, “prá modo de viver melhor na cidade grande que aqui não tem futuro”.

Em 1990, participei do Congresso Internacional de Sedimentologia pela primeira vez. O congresso foi em Nottingham, Inglaterra, e ocorreria ali a primeira reunião internacional de icnologia. Esse congresso foi um marco na minha vida: conheci toda a literatura que embasava meus estudos

até então, muitos dos quais vieram a se tornar grandes amigos, conheci o *pub* mais antigo do mundo (segundo os ingleses) e fiquei presa no castelo de Nottingham! O *pub* fica numa caverna escavada nas rochas que alicerçam o castelo, muito pitoresco. Se Robin Hood existiu, não sei, mas o clima ali fazia a gente se sentir parte do bando de ladrões da floresta de Sherwood. E como é que eu fiquei presa no castelo?

Fomos visitar, em um grupo de amigos. Visto o castelo, sentamos eu e um dos amigos num dos bancos do pátio externo para esperar os demais. Esse amigo era um contador de histórias que ia inventando na hora, um repentista. Começou a contar uma história tão fascinante com o tema do castelo que não percebemos o tempo passar. Quando vimos, estávamos os dois lá, os portões do castelo fechados. Como vamos sair daqui? Nenhum guarda. Eu ia perder o *pub*! Busca daqui, busca dali, encontrei uma mureta mais baixa. Olhei, dava pra saltar. Eu toda arrumada, de saia e meias de seda. Mas a ideia de perder o pub era mais forte e convenci meu amigo a pular (ele já estava achando legal dormir naquele banco do castelo). Deu certo! Rasgaram-se as meias, mas fui assim mesmo ao pub. Então aprendi que ninguém dá bola se sua meia de seda está rasgada num pub inglês, ou em qualquer lugar fora da América Latina.

Nesse mesmo congresso estava Adolf Seilacher, mais que um ídolo, um verdadeiro mito, responsável por promulgar a maior parte dos paradigmas icnológicos ainda vigentes. Um casal de amigos que se tornaram meus irmãos de ciência e parte da minha família afetiva, tinham um encontro marcado com ele. Me convidaram para ir junto. Nem pensei duas vezes! Chegamos, ele já estava. Sentamo-nos. Preparei uma fala de “— é um enorme prazer conhecê-lo”; não, melhor seria “— é uma enorme honra conhecê-lo”, ou talvez... enquanto minha mente tentava organizar uma fala que não me fizesse parecer uma tiete, o Luis (Buatois), meu amigo, me apresenta a Dolf, com todos os elogios e galanteios que nós latinos sabemos criar. Dolf olhou para mim, disse “— *Hi!*”, e antes que eu pudesse responder qualquer coisa, me ignorou escancaradamente até o fim da reunião, e por muito tempo depois daquilo. Foi a primeira e única rejeição que sofri na minha vida científica, e foi traumática! Mas, quis o destino que, alguns anos depois, a exposição Fossil Art, por ele idealizada e organizada, com belíssimos exemplares de icnofósseis moldados em resina e dispostos como uma exibição de arte, viesse a ser montada no Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, em Porto Alegre. Essa exposição possui um catálogo e me pediram para revisar a tradução que havia sido feita para o português. A tradução precisava muito mais que uma revisão e acabei traduzindo o

catálogo outra vez. Dolf viria para a inauguração e daria um minicurso de icnologia. Os mesmos amigos, Luis e Gabriela (Mángano) e outros amigos icnólogos se organizaram para vir acompanhar o curso. Combinamos então um churrasco em casa para confraternizar, assim se gastava menos que num restaurante. Churrasco organizado, carne e bebidas compradas, tô preparando a salada, toca o telefone. Do outro lado da linha, uma moça diz que o Dr. Seilacher ficou sabendo que haveria um churrasco na minha casa para receber os amigos icnólogos e que ele queria participar. Opa! “— *O quê? Só um pouquinho, caiu algo aqui...*” Passa uns segundos até cair a ficha. Eu: “— *tens certeza de que ele quer participar? É só um churrasco simples, nada de especial*”. Ela: “— *ele quer.*” Então tá! Combinamos que eu o buscara em seu hotel. Na hora combinada, lá estava ele, entrando no meu carro, extremamente elegante de gravata e paletó. Passamos uma noite extraordinária, ele contando seus causos da guerra (ele foi convocado com apenas 15 anos!), falando sobre arquitetura com meu marido e desfrutando das pessoas como se fôssemos amigos de uma vida. Que personalidade! Aquele “hi!” seco deu lugar a uma amizade que incluiu sua esposa Edith (ele me fez girar a cidade em busca das xícaras de cafezinho de inox que temos em casa e cujo design o encantou – sim, era um grande apreciador de design – para dar de presente para sua Edith) e que perdura até hoje, mesmo o Dolf já não estando entre nós.

O campo sempre foi peça fundamental no meu trabalho. É lá que estão todas as informações que eu preciso para fazer uma boa análise icnológica. E de lá vem histórias de contar aos netos, como o dia em que o colega Chico (Francisco Tognoli) deu uma de ninja e cortou com precisão uma laranja ao meio, no pé, atirando um facão desses de abrir mato. A intenção era cortar o galho, que estava muito alto, e pegar a fruta. Acho que nunca mais verei tal façanha! Ou como, descrevendo afloramentos em uma via férrea abandonada, o caminho acabou de repente e se transformou nos dois trilhos sem nenhum dormente, sobre o vazio. Tinha sido uma ponte e agora restavam apenas os trilhos. Meus dois colegas de campo lá se foram, como se houvesse chão. Eu empaquei. Não sei como me convenceram a cruzar aquele vazio e não me lembro como cheguei do outro lado. Lembro apenas que cada pé pesava meia tonelada e do medo paralisante. Ou dirigir de ré por uma estrada íngreme e sinuosa com uma camionete gigante porque não tinha onde dar a volta. Ou o dia que a polícia foi atrás de nós – estávamos trabalhando, eu e uma aluna, num afloramento, que era uma pedreira abandonada, quando fomos surpreendidas por um barulho. Olhamos para o outro lado e vimos dois policiais, mão no coldre da arma,

meio que abaixados, como que procurando alguém. “— *Deve ter bandido no mato*”, eu disse. Só que os “bandidos” éramos nós! A antiga pedreira tinha sido arrendada pelos proprietários de um pesque-pague lindeiro, que já tinha sido alvo de ladrões de peixe. Ao escutarem nossas vozes, ficaram com medo e acionaram a polícia. Desfeito o mal-entendido, fomos embora levando, dentre as amostras coletadas, algumas contendo marcas de nado de peixe. Coisas que, contando, parecem causos mesmo!

Como icnóloga, tive oportunidades incríveis de trabalhar em lugares icônicos em diferentes partes do mundo. Mas o legado maior que a icnologia me trouxe foi o de ser parte do que chamamos “icnofamília”, uma comunhão de colegas que se fizeram amigos, e com os quais estreitei laços que incluem nossas famílias. Essa experiência, de todas, tem sido a mais gratificante. Tanto que vem influenciando até minha filha! Hoje adulta e artista visual, ela se inspira também (mas não apenas) nas sutilezas dos fenômenos geológicos, dos processos de fossilização e das interações entre organismos e substratos para sua produção artística e intelectual. Um caso que não poderia ser contado se um dia aquele professor não tivesse provocado meu brio com um certo livro.



RENATO GHILARDI

Renato Pirani Ghilardi

O VINHO, A TEMPESTADE E A GALINHA MORTÍFERA

Não há nada mais vil que uma criança em um avião.

Essa frase era um forte mantra em minha cabeça enquanto esperava o avião taxiar para a decolagem e, certamente, seria uma que tatuaria em meu corpo. Em cirílico, hebreu, sânscrito, javanês, sei lá. Faria isso pois é uma das verdades inexoráveis da vida. Veja, não que

eu seja contra crianças, mas a situação não é propícia. Lembro-me sempre de uma viagem de avião que fiz saindo de Marília com destino a Bauru onde uma criança localizada lá na frente gritava, durante a decolagem, a todos pulmões e sorridente, que estava vendo o próprio Jesus Cristo na asa do avião. As risadas nervosas e abafadas propagadas em uníssono naquele momento apenas reforçam minha premissa.

E claro, não seria essa viagem de avião que me faria ficar longe dos “terribles petits enfants” que já começavam a chorar em altos decibéis no assento atrás ao meu. Concentrei-me no meu destino que, por si só, era capaz de me manter praticante da tolerância: a Ilha do Cajual, no Maranhão, e sua famosa Laje do Coringa. Afinal, quem me conhece sabe que não sou de reclamar (só para registro, adoro usar o *snark mark*, que é o ponto seguindo por til, quando estou sendo irônico! Ah, a ironia: figura de linguagem de fina arte que aparta quem a sabe compreender em néscios ou sabedores).

A ilha fica a cerca de 25km da capital São Luís, no extremo ocidental da Baía de São Marcos, e é pertencente ao município de Alcântara. Com 6 mil hectares, ela é povoada por mais de 300 habitantes distribuídos em quilombolas locais. De fato, a grande maioria da população é formada por descendentes de escravos oriundos de Alcântara, que colonizaram a ilha principalmente ao longo do século XX. Entretanto, o motivo da minha ida a ilha não foi realizar nenhum tratado de antropologia mas sim averiguar concentrações fossilíferas espetaculares que lá ocorrem.

Na verdade, a erosão marinha na ilha permitiu o surgimento de vários afloramentos da Formação Alcântara (Cenomaniano, Cretáceo), de ambiente estuarino, com registros de fósseis de coníferas, pteridófitas arborescentes, equisetáceas, peixes, crocodilos, dinossauros e pterossauros. Ah, quase ia me esquecendo do grupo que de fato me fez ir até lá: moluscos. Por sinal, já repararam como todo mundo esquece os invertebrados na paleontologia? Justo eles que indicam de forma fidedigna o ambiente de vida pré e pós deposição. Sei lá o porquê. Talvez pela forte imagética que os vertebrados acarretam nas românticas pessoas ou talvez porque seja difícil trabalhar com os grupos sem esqueleto. Nunca é fácil colocar os mortos para trabalhar.

Ao desembarcar em São Luís, após me certificar que nenhuma criança remelenta tinha entrado deliberadamente em minha bagagem, pernoitei no belíssimo centro histórico da cidade. E logo cedinho fui encontrar meu grande amigo Manuel Alfredo, professor da UFMA, e o aluno Igor Mendes que, na época, 2013, começava a querer entender melhor a sistemática e tafonomia dos bivalves e gastrópodes de lá. Lá estavam eles no cais

juntos a Jeferson, fotógrafo; Profa. Eliane, da UEMA; Stefan, Robertônio e Manzai, estudantes; nossos companheiros de campo. Todos estavam muito familiarizados com o procedimento pois trabalhavam também junto ao Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão onde limpavam, catalogavam e estudavam as centenas de fósseis obtidos nas diversas campanhas realizadas na ilha.

— *Que diacho é isso, Manuel?*, perguntei levantando uma sobrancelha, olhando a embarcação que nos aguardava.

— *É um catamarã* — respondeu meu amigo com satisfação — *É nele que iremos até Cajual.*

— *Voltamos hoje?*, questionei já com a cabeça imaginando 1001 maneiras daquele barco virar.

— *De forma alguma! As grandes marés daqui variam de 4 a mais de 7 metros de amplitude vertical. Só para você ter ideia, as praias da ilha são dominadas por amplas planícies de maré que, em alguns pontos, podem ter um recuo horizontal da maré de mais de um quilômetro em apenas seis horas, sendo totalmente recobertas nas seis horas seguintes de enchentes.*

— Uau, não há como o barco voltar hoje em tempo para nos pegar.

— Exato — meu amigo voltou a falar — existem áreas que no pico da enchente ficam recobertas por uma lâmina d'água de mais de 3 metros de profundidade mas que no recuo é possível caminhar tranquilamente. É justamente esse conjunto de circunstâncias que cria um cenário único e paradisíaco, mas extremamente inóspito e perigoso em algumas épocas do ano.

— Hum — resmunguei baixo — que bom. — Pelo menos dormiremos em um belo hotel!

Sua risada após minha última frase deixava claro que minha vontade não seria satisfeita.



Ao descermos na ilha fomos diretamente à casa do Sr. Alberto que ficava próxima a praia, após um pequeno mangue. O afável Igor tinha reservado com Dona Nira, esposa do Sr. Alberto, uma galinha caipira para almoçarmos. Confesso que foi uma explosão esfuziante de sabores e aromas aquele almoço. Nada como uma boa comida caseira! Contudo (sempre tem um contudo...), aquela galinha junto ao macarrão e arroz me gerava uma certa angústia. Vejam, eu sou de família italiana. Meu avô me dava garfada na cabeça se eu cortasse o spaghetti com faca. Acho que tenho direito de ficar aflito quando vejo essas combinações hereges. Proteína com

carboidratos não tem problema algum! Mas carboidrato com carboidrato é demais para meus parcós conhecimentos nutricionais. Obviamente meus amigos perceberam meu afluxo e até hoje me caçoam por essa pequena singularidade. Mas tudo bem, como já dizia o bom e velho Boaz: respeitemos a cultura local.

— *Pensei que os quilombolas fossem pequenas comunidades*, eu disse entre duas garfadas no macarrão.

— *E são* — disse Manuel roendo uma coxa de galinha — só que eles têm uma curiosa preferência em morar no interior da ilha.

Esse fato fazia da parte costeira da ilha um local que aparentava estar fora do circuito civilizatório humano, de tal modo que foi possível passar o resto do dia trabalhando em diferentes falésias em busca dos fósseis. Claro que não imediatamente após o farto almoço. Aproveitamos a desculpa de esperar a maré baixar um pouco e nos refestelamos embaixo de um enorme cajueiro que havia na frente da casa do Sr. Alberto.

A tarde foi muito proveitosa pois conseguimos coletar alguns blocos de calcário rosado com várias impressões de bivalves e gastrópodes para serem estudados, em sua tafonomia, em laboratório. Ainda estou em débito com meus amigos para produzirmos ciência com esse material! Após nossa produtiva tarde de trabalho, com muitas discussões sobre os processos energéticos relacionados ao acúmulo dos fósseis, voltamos à nossa base para dormirmos. Não cabíamos todos na casa do Sr. Alberto de tal sorte que tivemos que montar barracas na praia para passarmos a noite.~ E que sorte!

Uma coisa que não posso reclamar de forma alguma é como meus amigos foram gentis. Montaram minha barraca para uma pessoa de forma rápida e solícita além de começarem a preparar o terreno da praia para fazermos um churrasco com uma picanha e linguiças toscanas que eles tinham trazido. Igor desenrolou um poncho mosquedo na areia da praia que nos serviu de tapete para sentarmos e a noite começou a cair com o céu estrelado nos prometendo ser muito agradável. Apenas um detalhe passou despercebido: não havia churrasqueira apesar de termos carvão, carne e uma tábua de churrasco. Nesse momento destaca-se Manzai. O homem, ex-integrante do exército, usou de suas habilidades fazendo um buraco na areia da praia onde colocou o carvão e começou a assar nossa carne.

— *Tome* — disse Manuel sorridente entregando-me uma garrafa.

— *Jesus* — exclamei de forma alegre — o que é isso?

Manuel acabara de me dar uma garrafa de vinho do porto. E era Tawny! Quase o beijei de felicidade! A maioria das pessoas gosta do vinho

do porto Ruby por ser mais doce e ter o gosto da uva mais acentuado, além daquela cor rubi característica. Eu prefiro o Tawny por ser mais amadeirado. Não estava vendo a cor alourada típica dele devido as canecas que utilizamos para tomá-lo serem opacas, mas aquelas duas garrafas me preencheram de paz e alegria em poder estar naquele lugar, naquele momento. Despedi-me de todos e simultaneamente entramos em nossas barracas para a pernoite. A sensação de epifania ainda persistia quando me deitei no interior de minha barraca. Fechei os olhos e lembro de ter pensado como o céu daquela noite estava lindo; tinha conseguido achar Órion no zênite antes de entrar na barraca.

Acordei de supetão com um barulho forte. Era um trovão forte e ameaçador. Abri a minha barraca e me assustei com a chuva que caía naquele momento. Não era nada igual ao que já tinha presenciado. Eram as famosas tempestades súbitas e intensas, com muito vento, chuva e raios que costumeiramente assolam a linha de costa da região. Voltei a deitar e fiquei calmo pois pensei comigo que eram tempestades tropicais e, portanto, assim como surgem, acabam de forma rápida. Ledo engano. Após uns quinze minutos a intensidade da chuva fez-se piorar e comecei a ficar preocupado pois o sobreteto da minha barraca não estava mais aguentando. Pequenas cachoeiras de água vertiam para o interior da minha acomodação.

Uma característica minha é a de não se desesperar em situações excruciantes. Sou daqueles que acreditam que nesses momentos quanto mais desespero maior a perda da razão e da correta ação. Então, não sei como, devo liberar junto à adrenalina dessas situações muito cortisol. Mas, divagações à parte, continuei calmo dentro da barraca mesmo com ela começando a inundar e já estar com a lâmina de água acima de meu colchão inflável. Comecei a ficar um pouco mais preocupado quando a ventania aumentou e o canto esquerdo da barraca, ao lado da entrada, começou a se levantar. Isso significava que ela estava se soltando. Não tinha jeito, eu teria que sair da barraca para ver o que estava acontecendo.

Coloquei minha cabeça para fora e olhei para os lados para tentar ver se os outros estavam passando dificuldade também. Eu não conseguia, literalmente, enxergar um metro à minha frente. A chuva caia na horizontal e as gotas machucavam os olhos, tamanha a força do vento. Não via as barracas de meus amigos, mas mesmo assim saí com uma lanterna na boca para tentar salvar minha barraca. A situação era periclitante. Os espeques estavam se soltando facilmente naquela areia da praia e logo a barraca iria voar. Comecei a martelar um espeque solto de volta ao chão e quando me ergui, vi que um espeque do outro lado estava solto também. Corri para

lá com minha lanterna na boca e martelei novamente ele de volta ao seu local. Quando me levantei, outro estava solto. E fiquei nessa brincadeira, similar a um filme do Didi Mocó, de correr atrás de espeques soltos de minha barraca, por uns 15 minutos. Já estava na décima vez que escorava um espeque quando me levantei e pensei que não tinha mais jeito de sair daquela situação. Eis que, olhando desolado para minha barraca, sinto uma mão pesada em meu ombro, pelas costas, e uma voz pungente.

— Professor?



— *Cristo Rei!* — esgoelei, assustado, mais alto que a chuva que ainda caía.

— *Sou eu, professor: Stefan* — disse rindo o pobre menino encharcado junto a Ighor.

— Professor — disse Ighor gritando para ser ouvido — *vimos sua luz de lanterna e pensamos que talvez fosse a professora Eliane precisando de ajuda.*

— *Eu não sei se ela precisa de ajuda pois não enxergo nada! Mas eu indubitavelmente preciso, eu falava com a lanterna apontando para o horizonte à procura do restante das pessoas.*

— *Pegue seu colchonete e sua mochila e venha conosco pois estamos numa casinha depois do mangue e sua barraca não tem mais salvação* — Stefan dizia e apontava a direção.

Não pensei duas vezes e os acompanhei ao local onde eles estavam. A chuva tinha diminuído e pensei que momentos melhores estavam mais próximos. Esse pensamento efêmero se esvaiu quando atravessei o mangue com a mochila nas costas e o colchonete encharcado nas mãos. A diminuição da chuva apenas proporcionou que os pequenos mosquitos pudessem voar. A travessia do mangue foi lancinante. Finalmente chegamos à casinha que nada mais era do que um curral da propriedade do Sr. Alberto. Com a chuva, a fauna foi se proteger naquele local. Antes de deitar no colchonete encharcado e fechar meus olhos exaustos, lembro-me de ter pensado que nunca tinha dormido junto a um poleiro de galinhas.

A chuva parou durante a madrugada e acordei um pouco antes do sol nascer com uma dor na testa. Abri meu olho vagarosamente e me assustei ao deparar com o olhar em soslaio de uma galinha para mim. Senti meus músculos acordarem quando percebi que a malfadada galinha já tinha bicado minha testa e estava preparando um bote para ciscar meu olho

direito. Não tive alternativa e esmurrei a galinha que voou cacarejando para longe de minha posição. Não queria usar um tapa-olho por causa de uma galinácea letal.

Finalmente o sol raiou e todos acordaram. Ficamos surpresos ao ver minha barraca presa em uma árvore após se soltar da areia e voar. Pelo menos não a tínhamos perdido ao mar. Nossos amigos também sofreram com as ações das intempéries durante a noite. Eliane tinha também quase perdido a barraca. Manuel, ao contrário, foi o único que acordou com a cara inchada de um sono bom, perguntando o que acontecera naquela noite. Claro que o assunto durante o café foi a emocionante noite. Já estava lavando meus talheres e sem a camisa devido ao calor crescente quando Manuel me disse:

— Renato, que raios é isso?

Ele apontou para minha escápula que estava com algo pendurado. Era um carapato do tamanho da falange do meu mindinho de tão gordo de sangue que estava. Ele observou que havia mais dois além dele nas minhas costas. Maravilhoso curral que me proporcionou essa sinergia com a entomofauna local.

— Fique tranquilo que sei como tirar esses carapatos — disse Manuel pegando uma faca.

Levantei uma sobrancelha inquisidora a ele.

— Vou esquentar a ponta da faca e, ao passar no animal, ele morre soltando a tua pele. A gente aproveita que cauteriza junto! — disse ele, parecendo se divertir.

— Bóra lá então — eu disse resignado.

Nosso catamarã viria nos pegar logo, então aproveitamos para discutir um pouco mais sobre as situações de preservação daqueles animais naquela fantástica exposição fossilífera. Alguém gritou avisando que o barco estava chegando e ele finalmente aportou na praia para que voltássemos a São Luís. Já dentro da embarcação, comecei a olhar a ilha que ficava cada vez mais diminuta no horizonte.

— Que campo maravilhoso, Manuel — eu disse.

— Sim, esse local deve ser preservado mesmo com companhias portuárias querendo construir um porto ali.

— Sou muito grato a você e a Ighor por me trazerem aqui para trabalhar num dos materiais mais bonitos que conheço do Brasil — eu disse emocionado.

— Ah, você ainda vai voltar ao Maranhão para coletar mais invertebrados.

Mal eu sabia que voltaria 5 anos depois para um local no continente chamado “boca do forno” que pela alcunha já dá ideia da temperatura local. Mas isso é outra história. Resta-me agora a lembrança de Cajual se afastando de minha visão e eu pensando, já sentindo uma ardência, dentro do barco:

— *Maldição, esqueci de passar filtro solar.*



Igor Mendes e Renato Ghilardi analisando uma linda amostra de calcário repleta de gastrópodes. Robertônio ao fundo



Alexander W. A. Kellner

A FOTO

Escrever sobre causos vividos é sempre uma delícia! E a pesquisa de fósseis, onde existem possibilidades de atividades de campo e viagens para países distantes, proporcionando contato com pessoas de culturas e costumes diferentes, praticamente convida para que situações diversas, por vezes perigosas e pitorescas, acabem acontecendo. Tenho certeza de que os, digamos, mais experientes do “ramo”, já viveram grandes emoções que fogem ao cotidiano. Posso

garantir que vocês, jovens iniciantes na paleontologia, também irão viver circunstâncias inusitadas – para o bem ou para o mal...

Confesso que, como já pertenço à categoria dos “mais experientes”, muito se passou nessas quase quatro décadas de atividade, contadas a partir da minha primeira publicação, a descrição de *Brasilieodactylus arariensis*, em 1984, quando ainda era aluno de graduação em geologia – o que daria um bom conto por si só, envolvendo uma “bronca” de uma pesquisadora sênior, uma apresentação para lá de pífia (mas com fotos maravilhosas!) e outras *coisitas* más. Estive em dezenas de lugares diferentes, abrangendo todos os sete continentes, e teria muitas histórias para contar: Irã, China, Atacama, Peru, Argentina, Espanha, Alemanha, Austrália, Estados Unidos, Angola, Ilha James Ross, para mencionar alguns. Foram muitas aventuras, com momentos bacanas e outros, digamos, mais complexos. Cheguei perto do andar de cima (ou do de baixo) algumas vezes. Vi acidentes, brigas, tramoias, covardias, traições, mas, também presenciei momentos de solidariedade, empatia, companheirismo, conquistas, romance e achados fantásticos!

Hoje vou relatar um caso que se estendeu por alguns meses e que, a princípio, não teria nada demais: uma matéria da *National Geographic*. Não sei quantas vezes essa renomada revista, que circula desde 1888, atuando na divulgação da ciência e cultura ao nível mundial, esteve no Brasil. Talvez a situação que vou narrar tenha sido a primeira na qual eles ansiam fizer um artigo incluindo fósseis brasileiros, nesse caso pterossauros, grupo ao qual mais me dedico em minhas pesquisas. Porém, para fazer a matéria, um repórter e um fotógrafo propuseram visitar a região da Bacia do Araripe, com um pedido especial...

Tudo começou com um telefonema em março ou abril de 1995. Estava no “meu escritório” no Central Park, em Nova Iorque! Sei que soa um tanto presunçoso, mas, sinceramente, posso dizer que, tecnicamente, tive um escritório com uma vista maravilhosa para um dos parques mais famosos do mundo por cinco anos de minha vida, quando estava fazendo doutorado na Columbia University. O local era bastante amplo, com uns 50 m² e pé direito de cerca de 4 m, que eu compartilhava com mais três alunos. Essa universidade, que é parte da *Ivy-League*, tinha um programa de doutorado com o *American Museum of Natural History* (AMNH), um dos principais museus do mundo, cuja sede se situa às margens do Central Park. O local ao qual me refiro fica em uma das torres do AMNH, no quarto, e último, andar. Hoje é ocupado pelo paleoherpetólogo Mark Norell, mas naquele tempo – estamos falando de 1991 a 1996 –, era dos alunos, graças a uma (santa!) goteira (outra história). Só de lembrar das noites de

sextas-feiras, no último ano do doutorado, nas quais ficava com aquele espaço supervalorizado só para mim, quando eu jantava comida chinesa (comprada com grande desconto no restaurante do qual era *habitué*), com luz apagada, tomando generosas quantidades de suco de cevada, admirando o Central Park e a iluminação da cidade, ouvindo rock nas alturas (tudo tolerado pelos guardas de segurança, a maioria da República Dominicana, que em suas rondas *after hours* sempre tratavam muito bem o brasileiro que estudava aquelas “pedras” estranhas), me emociono com saudades!

— *Ei, Alex. Tem um cara aqui querendo falar com um tal de Dr. Kellner!*

Foi o comentário irônico de um colega de sala ao me passar o telefone. Era final do inverno e a neve do Central Park reluzia sob os raios intensos do sol.

Do outro lado da linha estava o repórter Richard Monastersky, que me informou ter sido comissionado pela *National Geographic* para escrever um artigo sobre pterossauros. Eles tinham visto uma matéria publicada na revista *Discover* em 1994 (*When Reptiles Ruled the Sky*), tendo um pterossauro do Brasil, que eu estava estudando, na capa (pequena observação: a mesma matéria foi publicada em agosto daquele ano pela Superinteressante, sem nenhum crédito aos pesquisadores brasileiros...). Depois de deixar claro para o Richard que eu ainda era um “futuro” doutor, combinamos uma visita dele ao AMNH para uma conversa preliminar.

Dias depois, Rich, como gostava de ser tratado, entrou no “meu” escritório. Era um rapaz aparentemente um pouco mais jovem do que eu na época, perto dos 30 anos, altura mediana (~1.70 m), cabelos castanhos escuros a meia altura, barba esparsa e rala, usando óculos pequenos com aros redondos. Depois de se maravilhar com aquela vista fantástica do Central Park – era outro dia de sol na *Big Apple* –, começou a examinar o fóssil que eu estava estudando.

— *Veja que exemplar extraordinário, Rich!*

Iniciei mostrando todos os detalhes do crânio de um metro e meio que estava sobre a mesa e que, anos depois (2002), foi descrito por mim e Diogenes de Almeida Campos, na *Science*, como *Thalassodromeus sethi*.

— *Olhe essa crista, nunca antes vista! Note os sulcos marcados na superfície óssea: é um intrincado sistema de canais que somente pode ser a impressão de vasos sanguíneos que irrigavam essa estrutura gigantesca na cabeça desse animal! E olha que era uma espécie voadora! Repare na lâmina na parte rostral! Essas características anatômicas são únicas e nunca foram reportadas!*

Eu não cabia em mim. Estudante de doutorado, com um repórter da *National Geographic* interessado em minha pesquisa! Porém, a cada detalhe que eu apontava, percebia que o meu evidente entusiasmo não parecia estar sendo compartilhado da mesma forma pelo Rich. Ele olhava meio desconfiado, sem conseguir disfarçar a expressão estampada na sua fisionomia do tipo “— *O que, diabos, esse cara está vendo aí?*” Sinceramente, eu simplesmente não comprehendia como aquele repórter não conseguia entender o que, para mim, era o óbvio ululante! Foram alguns minutos de constrangimento, que mais pareciam verdadeiras eras geológicas. Resolvi começar de novo, e, com muita calma, passei a apontar algumas características que talvez fizessem mais sentido para o meu interlocutor.

— *Estamos olhando para a parte lateral esquerda do crânio. Aqui é a frente e aqui a parte de trás, onde se articula o pescoço. Essa é a parte dorsal, ou seja, a parte de cima da cabeça. A parte de baixo é formada pela mandíbula. Essa abertura é a órbita, onde ficava o olho do animal.*

— *E esse buraco grande aqui?* — indagou Rich.

— *Bom, esse “buraco” é a fenestra nasoantorbital, que é uma abertura bem desenvolvida nos pterossauros, particularmente nesse animal. Em vida, ela continha, inclusive, a narina externa.*

Foi a minha resposta para um não muito convencido repórter. Nem sempre a anatomia dos fósseis ajuda, o que certamente é o caso dos tapejarídeos, grupo ao qual o espécime que observávamos pertence e que é muito diferente até mesmo dos outros pterossauros. Mas, com algum tempo, o Rich aparentemente passou a entender um pouco mais a anatomia básica que eu estava explicando. Ou, então, ele simplesmente havia desistido. Apenas quando eu busquei a *Discover* e apontei as características do fóssil na imagem da capa (uma reconstrução em vida), ele passou a expressar, de forma mais convincente, que estava comprehendendo os detalhes, lançando aqui e ali aquela famosa expressão: “Ah!” Algo bem típico do momento eureka! Ali aprendi como a paleoarte era importante e que a dificuldade do entendimento e interpretação de um fóssil por alguém não especializado era bem maior do que eu supunha. Ainda me lembro do choque ao ler na matéria da *Discover* (de 1994) o repórter mencionando “o crânio fóssil na mesa de trabalho do Alexander Kellner não faz nenhum sentido”. De quebrar o coração de qualquer paleontólogo...

O resultado daquela primeira visita teve sucesso: a *National Geographic* decidiu prosseguir com a matéria envolvendo espécimes que eu estava estudando. Mas, não foi bem como eu imaginava, ou seja, uma série de entrevistas com pesquisadores e imagens de exemplares. Apesar do artigo não

se restringir ao material brasileiro, eles queriam vir ao Brasil para fotografar *in loco* a Chapada do Araripe. Iniciava-se uma série de complicações e situações inusitadas... Rich sempre me lembrava que dificilmente em nossas vidas teríamos um outro artigo sobre pterossauros na *National Geographic*, pelo menos com essa abrangência. Entendi bem o que ele queria dizer na época – havia uma pressão para fazer algo especial.

— *National Geographic?*

— *Isso mesmo, Diogenes. Querem fazer uma matéria sobre pterossauros e vão enviar um fotógrafo e um repórter para o Brasil.*

Diogenes de Almeida Campos, um dos maiores pesquisadores de vertebrados fósseis do país, discípulo de Llewellyn Ivor Price e, na época, chefe da Seção de Paleontologia do Departamento Nacional da Produção Mineral (que hoje virou a Agência Nacional de Mineração), foi o meu orientador durante o mestrado e um grande incentivador na minha carreira.

— *Podemos organizar...* — respondeu o meu eterno orientador.

Depois de ter avisado ao Rich que estava tudo certo, ele me contatou dizendo que o fotógrafo da *National Geographic*, Jonathan Blair, iria me ligar. Foi aí que o problema começou...

— *Dr. Kellner!*

Me cumprimentou um Jonathan muito animado ao telefone. Conversa vai, conversa vem, ele me disse que gostaria muito de fazer uma escavação no local. Era uma possibilidade interessante. Porém, já imaginava o que se passava pela mente daquele fotógrafo: era só fazer um buraco e os pterossauros sairiam de lá voando!

— *Com certeza vamos encontrar dezenas de fósseis. Porém, dificilmente algum osso de pterossauro —* preveni o meu interlocutor, que não ficou muito convencido.

Depois, ele fez uma nova solicitação, falando que gostaria de fazer uma foto em um dos afloramentos da Bacia do Araripe. Até aí tudo bem.

— *Quero projetar a imagem do pterossauro da capa da Discover nas pedras onde foi encontrado!*

— *Projetar a imagem de um pterossauro nas “pedras”?!?*

Repeti, quase no automático. Acho que a minha indisfarçável surpresa foi tão grande para Jonathan, que ele começou a defender aquela proposta como um advogado faz em um tribunal, tentando evitar que o seu cliente vá para a cadeira elétrica!

— *Você tem que compreender que o mercado de fotos é complexo e muito competitivo. Que essa matéria é especial. Que um fotógrafo como eu não pode se contentar em cliques comuns que qualquer um pode fazer. Que*

na National Geographic as imagens são ainda mais importantes do que o texto. Que tenho que ter ideias originais, senão eles não me contratam mais. Que tenho uma carreira para zelar, mas muito ainda para conquistar. Que originalidade é tudo. Que nunca ninguém fez uma foto assim. Que...

A conversa se estendia de forma interminável. O fotógrafo muitas vezes monopolizava a fala, com sucessivos e repetitivos argumentos e contra-argumentos que ele fazia quase sem respirar! De nada adiantaram os problemas de logística que levantei: falta de projetor adequado, dificuldade em levar energia para o projetor, poeira, custos, dificuldade de acesso e risco de perda do equipamento em algum acidente. Senti que a situação estava chegando ao limite quando Jonathan começou a apelar.

— Rapaz, entenda! Esse artigo vai te tornar famoso!

Famoso? Na época eu queria terminar o meu doutorado e arranjar um emprego! Era um momento complexo em minha vida. No ano anterior, havia perdido o meu pai. Esposa e filhos estavam de volta ao Brasil e eu, em casa de amigos no Queens, tentando terminar o doutorado. A última coisa que pensava era em fama. Enfim, concordamos que eu ia conseguir um gerador e carros que pudessem nos conduzir ao melhor local, mas que ficaria na responsabilidade dele trazer o projetor e obter as autorizações para uso daquela imagem.

— Deal! — exclamou um entusiasmado fotógrafo.

Vou poupar vocês das conversas seguintes que tive com Diogenes, Placido Cidade Nuvens (então diretor do Museu de Santana do Cariri) e com outros para viabilizar a tal foto... Apesar da logística ser complexa, não era impossível (o que generosas notas de dólares americanos não conseguem resolver?). Também não se pode negar a originalidade da ideia. Porém, me parecia muito esforço e trabalho para um ganho pequeno: tirar uma foto de uma foto já publicada, projetada em um afloramento. Claro que, potencialmente, existia uma certa beleza estética na proposta, se o sol não atrapalhasse, se não chovesse, se conseguíssemos permissão de ficar em um local apropriado pelo tempo necessário, se o vento não levantasse poeira que poderia impregnar no equipamento, se... Conseguia listar mais de uma dezena de “senões”.

Enfim, em julho de 1995 chegou o dia no qual Rich, Jonathan Blair, Diogenes e eu aterrissamos no aeroporto de Juazeiro do Norte, a caminho da Chapada Araripe. Nos instalamos no Hotel Panorama, que na época era não apenas o melhor, mas quase o único na região. Jonathan era bem mais velho do que eu, perto dos 55 anos, com pouco mais de 1,80 m de altura, cabelo encaracolado castanho claro com fios esbranquiçados, corpo atlético,

muito falante e animado. Naquelas primeiras horas, ficamos no hotel e revimos a estratégia que estabelecemos antes da viagem. Não ficaríamos na região por muitos dias. A ideia principal era encontrar logo o local “daquela foto”, visitar diferentes pontos onde foram encontrados fósseis, e obter muitas imagens no Museu de Paleontologia em Santana do Cariri (hoje chamado de Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens). A proposta de escavação fora abandonada pela falta de tempo em resolver questões legais (estrangeiros em expedições).

No dia seguinte, ao chegar em Santana do Cariri, Plácido já nos aguardava na porta. Me assustei quando o vi – estava inchado e falava muito baixinho. Diogenes já havia me prevenido que o diretor não andava nada bem de saúde e estava se recuperando de um enfarte. Quando o vi, pensei que seria a última vez. Felizmente eu estava enganado e Plácido viveu ainda por muitos anos.

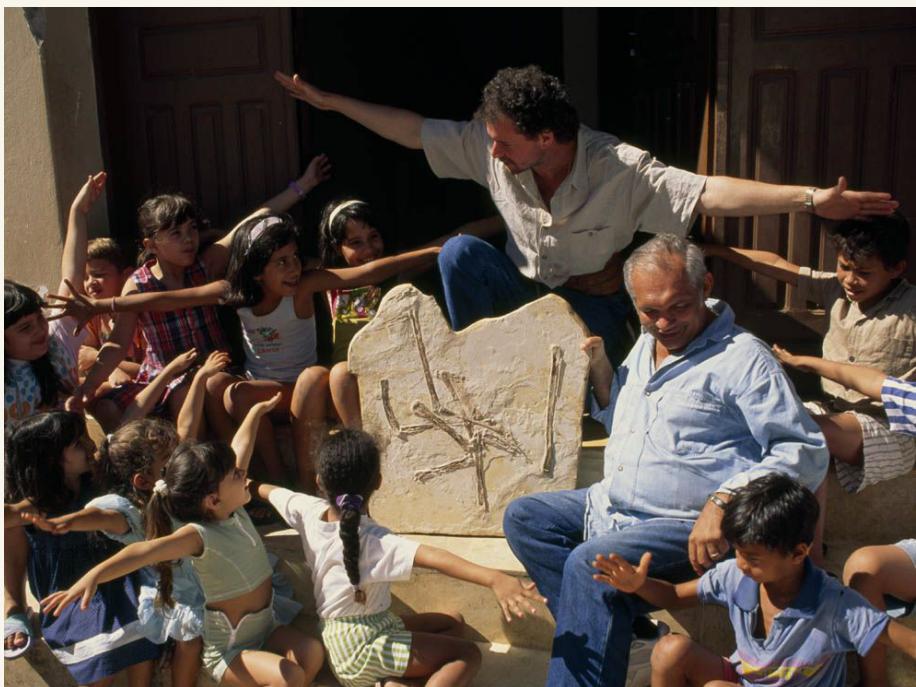
A visita foi o sucesso esperado. Já naquela época o museu possuía muitos fósseis importantes e vistosos. Os “cliques” de Jonathan não paravam! Rich andava pelos espaços, maravilhado com aquele material de milhões de anos. Plácido, muito solícito, nos deixou bem à vontade.

De repente, um monte de crianças chegou, curiosas para acompanhar aquele movimento. Foi então que Jonathan teve uma outra ideia: fazer uma foto na frente do museu com uma peça de pterossauro que, segundo Plácido, ele tinha nomeado em minha homenagem (*Kellnerodactylus* – apesar de ter visto o nome em uma revista local, não a encontrei mais). Saímos para a parte lateral do museu. A proposta era fotografar durante a minha explicação sobre o que aquele punhado de ossos representava. Tive a ideia de levantar os braços simulando um voo, o que foi seguido por algumas crianças. Jonathas adorou e pediu para que todos abrissemos os braços como se estivéssemos voando. Plácido segurava o fóssil. A imagem ficou ótima.

Depois do almoço, nos despedimos de Plácido e fomos para a Mina Pedra Branca em Nova Olinda, onde Diogenes e eu imaginávamos encontrar o melhor ponto para a tal foto de Jonathan. Já na mina, paramos em um local onde havia vários nódulos quebrados, deixados para trás por “peixeiros”. Assim que chegamos, Rich entrou em êxtase.

— *Um fóssil! Um fóssil! Um peixe! E aqui tem mais! Muito mais!*

Diogenes e eu nos entreolhamos e, sem trocar uma palavra, comungamos do mesmo pensamento: o nosso querido repórter ainda não tinha visto nada! Sempre digo para os meus alunos que não gosto de fazer o primeiro campo com eles na Bacia do Araripe, pois todos ficam muito mal-acostumados com a quantidade de fósseis e a facilidade de encontrá-los.



Plácido Cidade Nuvens e Alexander W. A. Kellner com um exemplar de pterossauro, entre crianças a frente do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, em Santana do Cariri (julho/1995). Foto de Jonathan Blair, *National Geographic*, publicada em maio de 2001.

De qualquer forma, nos dias que se seguiram, Rich entendeu exatamente o que eu havia lhe dito sobre a quantidade fabulosa de exemplares que eram descobertos naqueles nódulos calcários. Naturalmente, a cada nova localidade visitada, as exclamações de surpresa e satisfação foram rareando.

Ainda na Mina Pedra Branca, mostramos o paredão branco formado por gipsita. Jonathan gostou e não gostou... Passamos algumas horas procurando um local que ele achasse ideal. Quando encontramos um ponto aceitável para o fotógrafo, imaginei que iríamos fazer a foto no dia seguinte.

— *Não, não! Vamos esperar mais para o final da viagem, pois teremos uma iluminação melhor* — determinou Jonathan.

Não me perguntam, pois até hoje eu não entendi o porquê em não fazer a foto logo e “se livrar” daquela incumbência! A diferença que alguns dias a mais fariam para a iluminação solar foge totalmente à minha compreensão.

No fim, acho que o Jonathan tinha uma esperança de encontrar algum outro lugar visualmente melhor, que correspondesse mais às suas expectativas.

Não me lembro se foi no segundo ou no terceiro dia de campo que fomos para a Serra do Mãozinha. Era um local que eu sempre queria conhecer e Diogenes aproveitou a ocasião. Novamente, ao chegarmos, nos deparamos com centenas de nódulos abandonados. Em um desses rejeitos eu vi um peixe com escamas muito estranhas, espessas que lembravam as de *Araripelepidotes*. Porém, o corpo do exemplar, do qual faltava o crânio, era mais alongado, como o de um *Vinctifer*. Ao mostrar o fóssil a Diogenes, ele imediatamente reconheceu do que se tratava.

— Alex, esse é um exemplar do *Obaichthys*!

Nem eu mesmo acreditei! *Obaichthys decoratus* é um peixe que havia sido descrito há poucos anos, em 1992. Com o corpo e cabeça alongados, possui escamas ganoides em forma de diamante, e é um representante dos Lepisosteiformes, grupo que inclui o gênero atual *Lepisosteus*. Um gar do Cretáceo do qual talvez se conheçam algumas poucas dezenas (se tanto!) de exemplares. E eu havia encontrado um de uma forma totalmente fortuita, em um rejeito! Comparado aos milhares de *Rhacolepis*, *Vinctifer* e *Tharrhias*, era uma *trouvaille* fantástica! De posse do exemplar, passei a falar da importância do achado para o Rich, quando olhei brevemente para Diogenes, que continuava a se afastar lentamente. A uns 20 metros de distância, o meu eterno orientador parou de repente, olhando de forma firme para o chão. Deu uma olhada para a gente e, em seguida, se abaixou pegando um pedaço de um nódulo. Retirou e recolocou os seus óculos algumas vezes, alternando olhares para onde nós estávamos e para o fóssil em suas mãos. Então, segurando o exemplar, ele se pôs a andar em nossa direção. Eu parei de falar com Rich no meio de uma frase e somente pensava “*Não é possível... Não vai me dizer que...*”.

Ao chegar, Diogenes pegou o nódulo do *Obaichthys* das minhas mãos e, como em um passe de mágica, o juntou com o pedaço que ele havia encontrado. Era um *match* perfeito entre o corpo e a cabeça que estava faltando! Todos começamos a rir muito. É o típico caso que o americano chama de *serendipity*: uma descoberta de algo magnífico, totalmente ao acaso! Encontrar o fóssil raro em um rejeito já era notável, mas depois encontrar a muitos metros de distância a cabeça desse mesmo indivíduo, era uma possibilidade muito pequena. Jonathan correu ao nosso encontro e, esbaforido, perguntou o que estava acontecendo. Ao ver o material, o desapontado fotógrafo fez alguns cliques cujos sons eram de obrigação... Com certeza ele havia pensado – e desejado – que se tratasse de um pterossauro.

Na verdade, mal sabia ele que nós também queríamos muito encontrar pteros, mas aquele peixe raro já tinha valido o campo.

Os dias se seguiram até que a iluminação solar estava supostamente perfeita para a foto, por coincidência no último dia antes de nossa partida... Jonathan foi muito meticoloso e pediu para que puséssemos roupas limpas que, diga-se de passagem, ele escolheu entre as quais apresentamos a ele. Não poderia haver campo naquele dia e apenas no início da tarde nos locomovemos para a Mina Pedra Branca.

O sol ainda estava alto quando chegamos. O pedido de Jonathan para que levássemos uma camisa extra para a foto fez todo sentido. O ar-condicionado dos carros não tinha dado conta do calor daquele dia bem quente. Foram dois carros para levar o gerador e pessoas para ligá-lo e carregá-lo até a parte escolhida pelo fotógrafo. Fizemos um ensaio geral, subindo no paredão de gipsita – claro que nunca pela parte mais fácil... A ideia era que Diogenes e eu ficássemos do lado do pterossauro projetado, onde seríamos fotografados pelo Jonathan. Depois de, talvez, uma hora e meia acertando tudo, Jonathan avisou que a foto seria feita em mais umas duas horas.

Não preciso nem frisar que o aluno de doutorado da Columbia University de 33 anos queria fazer tudo menos ficar parado por tanto tempo em uma área com enorme potencial de achados, por causa de uma foto! Ainda mais depois de ter encontrado um peixe raro! Já havíamos perdido a manhã e não era sempre que eu tinha a chance de procurar fósseis naquela região. Eu avisei da minha intenção em prospectar um pouco ali por perto. Queria muito examinar os folhelhos que se encontravam acima do gesso em uma frente abandonada da mina, onde meu colega Antônio Álamo Feitosa Saraiva havia mencionado a descoberta de âmbar. Vi o semblante de preocupação de Jonathan e o olhar inquisitivo de Diogenes do tipo “veja lá o que você vai fazer, Kellner!” O fotógrafo frisou que teríamos apenas de 5 a 10 minutos de iluminação ideal para a foto.

— *Não se preocupem. Não é para estar de volta em duas horas? Chegarei bem antes* — respondi para uma não muito satisfeita audiência.

Ao me afastar do local da foto, fui direto para os folhelhos. Fiquei prospectando por algum tempo sem encontrar nada, a não ser alguns peixes. Resolvi me locomover para um outro ponto, um pouco mais afastado. Estava chegando bem perto quando aconteceu o inesperado...

Ploft!

Eu nunca tinha posto um pé na lama daquela maneira, com direito a escorregão e coração quase saindo pela boca! Fiquei com as duas botas

encobertas e a barra da calça bem suja. Com cautela, decidi voltar. Mas quando me virei, veio uma segunda sequência de “*plofts*”, mais sonora e profunda do que a primeira. A lama tinha ido até a canela! E, para o meu desespero, não fora o último momento daquele barulho típico quando você caminha sobre uma superfície barrenta... Decidi voltar pelo mesmo ponto em que tinha entrado naquele lamaçal. O sol tinha secado a superfície, deixando uma fina camada escondendo o que havia embaixo e que quebrou com o meu peso. Tinha medo de escorregar e cair, uma possibilidade real.

Alguns “*plofts*” depois, um suado aluno de doutorado conseguiu chegar a um ponto seco e firme. Ainda bem que estava sozinho, longe dos olhares dos meus colegas. Na minha privacidade, observei o “estrago”. Também pude verificar que a lei de Murphy funciona e é implacável: a minha calça de campo, que era a que tinha sido aprovada pelo Jonathan, era bege... E a lama, preta. Lindo contraste! Pelo menos a camisa limpa extra tinha ficado com meus colegas.

O que fazer? Vi algumas folhas secas e consegui raspar um pouco da sujeira. Involuntariamente adicionei alguns tons marrons e verdes no meio das marcas da lama. Como essa ação não estava necessariamente melhorando o visual, decidi parar. “*Será que eles vão notar? Afinal, não chegou nem no joelho...*”

Sem ter muitas escolhas, passei a caminhar lentamente de volta, tentando elaborar alguma desculpa minimamente plausível, mas a minha imaginação, geralmente bem fértil, não estava ajudando. Pelo menos não iria perder o horário da iluminação ideal para a foto. Mal tinha entrado na mira de visão das pessoas, a uns 300 metros, ouvi um grito! Juro que por um instante, imaginei que era um pterossauro ressuscitando de uma tumba cretácea!

— *Whaaaaat haaaaappened to my staaaarrrrrrr???*

Admito que cheguei a diminuir o passo. Um mais do que, digamos, chateado Jonathan alternava movimentos abrindo os braços e levando as mãos à cabeça, caminhando de um lado para o outro. Os motoristas e ajudantes riem discretamente. Rich balançava a cabeça. E um certo orientador, depois de ter me fuzilado com olhares nada gentis (quanta violência...), passou a sorrir ironicamente, do jeito que somente ele consegue fazer, do tipo: “eu sabia que você ia fazer m., mas dessa vez você caprichou!”

Não tinha muito o que dizer. Nesses momentos, a minha reação é a de rir, reconhecer o erro, e me desculpar. Tentei argumentar que talvez esse “pequeno detalhe” na parte inferior da calça, perto das botas, poderia até mesmo dar um pouco de originalidade para a foto “que me tornaria

famoso”, já que estávamos em atividade de campo. Diante desse comentário, acho que naquela hora o Jonathan pensou na minha mãe, na minha avó e até na minha bisavó!

Enfim, o tempo da luz ideal chegou, Diogenes e eu ficamos pendurados no paredão. “Apenas” uns 10 metros nos separavam do chão. A imagem do pterossauro foi projetada e seguiram-se inúmeros clicks por pelo menos uns 20 minutos. Sempre lembrando que não era um tempo de fotos digitais. Todas as imagens eram de slides, com rolos de filmes especiais (e caros!), dos quais o Jonathan usou pelo menos uns três, em duas câmeras.

Ao voltar para o Hotel Panorama, o fotógrafo já estava um pouco mais calmo. Diogenes não falou nada sobre o assunto, mas toda vez que olhava para mim, esboçava aquele sorrisinho irônico na sua face! O único *gentleman* na situação era o Rich, que não falou nenhuma palavra desagradável (ainda bem que não leio pensamentos...).

Tomamos vinho e cerveja, pois estávamos no final dessa parte da viagem. Depois havia ainda visitas do Jonathan ao Museu de Ciências da Terra, no Rio, com mais fotos a serem feitas de Diogenes. O repórter ainda viajaria para Europa e outras partes dos Estados Unidos com Jonathan para fotografar mais exemplares e conversar com outros pesquisadores. Ficamos ansiosos, esperando a publicação.

Passado pouco mais de um ano, encontrei o Rich em uma reunião da *Society of Vertebrate Paleontology*, em Nova Iorque, ocasião na qual eu e Kevin Padian estávamos organizando o primeiro simpósio dedicado aos pterossauros. Perguntei ao Rich se ele já havia terminado a reportagem. Ele me respondeu algo como:

— *Alex! A gente não finaliza uma matéria para a National Geographic... A gente a abandona!*

Basicamente ele queria dizer que, depois do texto ser entregue, ocorrem inúmeras idas e vindas, com mudanças editoriais profundas, onde o autor fica quase que à margem do processo. Por outro lado, demonstra uma intensa preocupação dos editores de que tudo fique perfeito. A publicação saiu em 2001, ou seja, quase seis anos depois daquela viagem. Ficou muito bacana. E aquela foto especial? Vocês a viram? Pois é... Nem eu! Já sei que todos estão pensando que foi por causa de uma certa lamazinha, o que facilmente seria resolvido por *Photoshop*, que por sinal, já estava no mercado naquela época.

Só que não... Agora vem a “cereja do bolo”. O motivo pelo qual a foto, que tanto trabalho deu, nunca ter sido usada, não tem nada a ver com a lama na roupa de um certo aluno de doutorado. Como o artigo demorou muito a ser publicado, quando fomos consultados em 2001, tivemos que

pedir para que aquela imagem fosse retirada. O motivo: estávamos com um artigo sobre o pterossauro projetado (a reconstrução do *Thalassodromeus sethi*) para ser submetido a uma revista *high profile* como *Nature* e *Science*, que clamam por exclusividade! Assim, se a imagem daquele exemplar aparecesse na *National Geographic* tão próximo a submissão do manuscrito, as chances de publicação do nosso estudo naquelas revistas (aliás, outra história maravilhosa...) diminuiriam em muito. Enfim, acho que podemos resumir o ocorrido com uma expressão bem típica da garotada de hoje: deu ruim! A fotografia foi substituída por uma de *Pterodactylus*.

Apesar da imagem do pterossauro projetado no paredão não ter sido publicada, – a qual, segundo Jonathan (falecido em 2017), iria “me imortalizar” –, ele fez aquela outra foto, na frente do Museu de Santana do Cariri. Plácido segurando um pterossauro (o tal *Kellnerodactylus*), e eu e as crianças com os braços abertos! É de longe a imagem feita durante a minha carreira da qual mais gosto e que me deixa feliz toda vez que a vejo. Obrigado, Jonathan!



Sergio Alex Kugland de Azevedo

A BARATA ASSASSINA DO PANTANAL

VERSAO DO SERGIO

As pesquisas desenvolvidos pela equipe do Setor de Paleovertebrados do Museu Nacional/UFRJ frequentemente envolvem trabalhos de campo e é nessas ocasiões, quando estamos longe de nossos laboratórios e fazendo uma das atividades mais prazerosas de nossas



Luciana Barbosa de Carvalho

carreiras, que situações, digamos, não convencionais, tendem a ocorrer.

Durante minha trajetória na paleontologia (e já lá se vão mais de 40 anos) tive a felicidade de participar de mais de uma centena de trabalhos de campo e, é claro, vivido inúmeras situações, como poderia descrever? – “peculiares”. A imensa maioria envolvendo “derrotas” de colegas, raramente “minhas próprias derrotas” (é verdade essa mensagem!).

Entretanto relatar derrotas alheias pode trazer constrangimento para outros colegas (desculpe mas minha memória é boa e não vou esquecer), assim, optei por apresentar informações (embora controversas) de

uma das raríssimas ocasiões em que o atingido (e essa é a palavra adequada) foi minha própria pessoa ou, ao menos, parte dela.

Pois o “causo” sucedeu-se quando de uma viagem de pesquisas ao Pantanal Mato-grossense. No auge da seca e as primeiras chuvas ansiosamente aguardadas, buscávamos informações complementares para uma melhor compreensão dos aspectos paleoecológicos envolvidos na ocorrência fossilífera cretácea do afloramento Tartaruguito, em Presidente Prudente (SP), nossa habitual área de pesquisas – desde os tempos de convivência com o saudoso Professor Pêpe (muitas histórias na memória).

O regime de alternância de fases climáticas, marcadas por períodos de intensas cheias e secas, comum no Pantanal, associado a grande ocorrência de répteis em ambientes possivelmente correlacionáveis ao considerado para o afloramento Tartaruguito, poderia nos permitir (de fato permitiu) observar elementos importantes para o desenvolvimento de nossas pesquisas.

Assim, saímos de Presidente Prudente e seguimos no rumo de Poconé, a porta de entrada da rodovia Transpantaneira (MT-060) a bordo de nossa brava, e bota brava nisso, Toyota Bandeirantes e seus limites mecânicos e de velocidade.

Quem conheceu a Transpantaneira na época, esse caso ocorreu há mais de 20 anos, sabe que não existem opções de hospedagem ao longo da estrada, pelo menos nenhuma compatível com os recursos financeiros disponíveis à maioria dos paleontólogos brasileiros (existiam alguns poucos – acho que uns dois ou três – hotéis e pousadas de luxo, mas esses nem pensar).

Nossa opção foi um posto de gasolina na entrada da Transpantaneira que dispunha de alguns “quartos” destinados aos caminhoneiros que trafegavam pela rodovia, e lá ficamos, percorrendo todos os dias os 145 quilômetros e suas 120 pontes (algumas em estado bastante perigoso) da estrada até o Porto Jofre, retornando à noite para nosso local de pousada.

Pois foi numa noite dessas que tudo ocorreu.

Me lembro que era uma noite quente, muito quente mesmo, e estávamos ocupando dois quartos do posto, um para os meninos e outro para as meninas.

Tudo começou com um grito de terror advindo do quarto das meninas – elas tinham sido encurralladas por uma barata gigante (quem conhece as baratas do Pantanal sabe que não estou exagerando).

Como um valente cavaleiro (e cavalheiro) imediatamente interrompi minha elucidativa leitura do Pato Donald (era um hábito que tinha herdado de meu orientador, Professor Mário Costa Barberena) corri em socorro das

meninas que, em cima da cama, clamavam por uma providencial intervenção para contornar a terrível circunstância que se apresentava.

De pronto me inteirei da situação e armado de um pé de minha eficiente sandália havainas 45, parti em busca do feroz blatário que, ciente do perigo que corria, buscou abrigo em algum recanto escuro do aposento.

Como um macho dominante caçador, parti na busca obstinada do malvado inseto, removendo botinas, mochilas e sacolas que estavam espalhadas pelo chão para desentocar a fera assassina que tanto ameaçava as frágeis colegas aterrorizadas.

Os esconderijos iam aos poucos ficando cada vez mais escassos e a desumana extermínadora de paleontólogas já devia estar tremendo, ciente de que a hora de ir ter com seus ancestrais se aproximava.

Cerquei o último canto disponível e comecei a contornar alguns apetrechos de campo para, assim, surpreender e dar fim a temida ameaça.

Olhos de caçador concentrados à espera da fera para a execução final, fui recuando para ceder espaço para abater a temida presa.

Abaixado para me aproximar do ponto de abate... arma 45 (o pé de havaianas) na mão.... um passo para trás.... mais um.... e...

Fui covardemente atingido, por trás, bem na “busanfa”, por um violento e perigoso monstro – um ventilador daqueles de pé, sem a grade de proteção.

Minha reação?

Apenas falei calmamente e sem perder a concentração:

— pa!

Só não comprehendo porque as duas colegas rolavam no chão – talvez surpresas com minha reação tão casual. Até a barata assassina sumiu – deve ter morrido de ataque cardíaco – de tanto rir.

P.S.: A Lu insiste em dar uma versão alternativa para a etapa final da saga, versão essa que já vou avisando, é totalmente desconexa da realidade dos fatos.

VERSÃO DA LU

Na qualidade de uma das protagonistas do fato, me considero no direito de manifestar a verdade do que realmente ocorreu.

Assim, não posso deixar de registrar que, essa afirmação “raramente minhas próprias derrotas”, proferida pela pessoa que escreveu a primeira parte do texto, não condiz com a realidade. Nesses anos todos que tenho

convivido com a pessoa em questão, incontáveis são as situações peculiares protagonizadas por esse indivíduo, muitas delas que não posso me atrever a aqui relatar. Embora minha memória não seja das melhores, o caso da banheira, da aranha, do leilão de *nudes*, do Ford KA, entre diversas outras, dariam contos muito interessantes em uma coletânea de desastres geopaleontológicos.

Em relação ao caso em si, justiça seja feita, as baratas do Pantanal são enormes! Também o valente cavalheiro está sempre disposto a atender meus chamados de socorro, principalmente quando esses insetos abomináveis teimam em cruzar meu caminho.

Voltando ao “causo”: o relato flui adequadamente até o momento da figura ser atingida pelas pás desprotegidas do ventilador. O motivo da reação descontrolada de rolar pelo chão em risos foi devido à resposta “calma e controlada” do atingido. A verdade do que ocorreu foi uma explosão exacerbada, através de um grito frenético e um salto acrobático, digno de um artista circense, que desencadeou as risadas que nos fizeram deitar ao solo e quase perder o fôlego de tanto rir.

Analisem os fatos e decidam qual das versões corresponde efetivamente à realidade.



Sergio Alex Kugland de Azevedo

O Leilão dos nudes

Sergio Alex Kugland de Azevedo

A palavra "nudes" vem do inglês que significa pelado, ou melhor, sem roupa ou sem vestimenta, aqui no Brasil se popularizou como a expressão "manda nudes", que é quando alguém está pedindo fotos suas peladas. A internet é a ferramenta onde rola muito dessas fotos, isso já se tornou uma realidade para nós" (Dantas, Marcela. 2017. O que é Nudes. Profissão Mestre, disponível em <https://profissaomestre.com.br/nudes/> (11/12/2021).

Porém, não só na internet os *nudes* fazem sucesso, tem gente que até paga um bom preço para obtê-los, de acordo, é claro, com seu interesse.

Pois é nesse contexto que passo a relatar mais uma das passagens do mundo da paleontologia que não podemos deixar cair no esquecimento, o que, nesse caso, seria difícil, uma vez que foi presenciada por grande parte da comunidade em questão.

Congressos e reuniões científicas sempre são momentos de troca de experiências e confraternização entre as pessoas que se dedicam a uma atividade científica em comum, e o caso que passo a relatar ocorreu em uma dessas ocasiões, a plenária de encerramento do X Simpósio Brasileiro de Paleontologia de Vertebrados, realizado no Museu Nacional/UFRJ em outubro de 2016. Vou omitir os nomes dos envolvidos, embora todos saibam de quem estou falando.

A Assembleia seguia seu curso habitual até a chegada do tão esperado momento do leilão, momento em que uma equipe tradicionalmente instituída de paleontólogos se dispõe a apresentar objetos relacionados à paleontologia, doados por pesquisadores, que são disponibilizados para compra pelo maior lance, sendo os recursos obtidos destinados para a realização do próximo encontro e, principalmente, para a premiação de alunos. Livros, separatas, esculturas, ferramentas de campo, brinquedos e tudo mais que possa despertar algum interesse da plateia.

Em determinados momentos, entre os objetos previamente coletados, novas ofertas, algumas inusitadas, podem surgir e, de acordo com o interesse despertado, atingir bons preços finais.

Assim, o leilão seguia seu curso, entre livros, separatas e outros objetos quando surgiu a ideia por parte de um grupo de paleontólogos de brincar com o tema “*manda nudes*” e incluir um *nudes* no leilão – faltava a vítima e o *nudes* em si.

Nenhum problema, logo o paleontólogo foi escolhido, esse que vos relata o fato.

E o *nudes*? Isso também não é problema quando se tem no grupo o paleoartista Maurílio Oliveira, excelente ilustrador, mesmo em momentos de improviso.

Logo o *nudes* foi produzido, desenhado no verso de um crachá do evento e disponibilizado para leilão – com certificado de autenticidade assinado pelo próprio retratado.

Imediatamente a sensual e provocante obra de arte passou a receber lances, os primeiros de uns invejosos que buscavam unicamente desqualificar

a peça: — *nem de graça!*, — 2 centavos!, — 5 centavos!, mas a vida segue seu rumo e a verdade não tarda a se estabelecer, — 10 Reais!, — 20 Reais! ...

Nesse momento, com o intuito de ajudar a causa e não permitir que imagem tão íntima fosse parar em mãos não merecedoras, uma paleontóloga, esposa do retratado, passou a cobrir os lances, — 30 Reais!, — 40 Reais!.

Mas sempre tem gente que se mete na disputa com objetivo apenas de elevar o preço e fazer a interessada pagar o maior preço possível – e assim aumentar a arrecadação final.

E é aí que surge a figura que não vou falar o nome, mas que todos sabem quem foi, e começa a elevar os lances, que são sucessivamente cobertos pela interessada, — 40 Reais!, — 50 Reais!.

A disputa cresce e o contestador ri em regozijo, crente que fará a interessada pagar um alto preço pela valiosa peça, - 60 Reais!, - 70 Reais!.

Até que em determinado momento, após um elevado lance daquele que queria apenas aumentar o preço a ser pago pela interessada, o retratado no *nudes* grita para a paleontóloga: — *deixa ele levar!*

O silêncio foi geral, seguido de uma afirmação impactante da protagonista da contendã: — *não vou cobrir o lance, pode levar!*

Como assim? O terror se abate sobre a face do contestante enquanto a plateia desaba em risos, ninguém ousando cobrir o volumoso lance.

— *Dou-lhe uma, dou-lhe duas... vendido!*

Desespero total, mas, deu lance tem que pagar e receber a peça.

E assim foi, sob os aplausos da plateia, o prêmio foi entregue pelo retratado, retirado de local estratégico abaixo da linha da cintura e recebido, com extremo constrangimento, por aquele que arrematou. Esse, de tão vexado que ficou com a situação, perdeu a possibilidade de utilizar o objeto em futuros eventos, no momento que declarou: “— *não quero isso*” e passou a ilustração para a paleontóloga derrotada por seu generoso lance.

A esposa paleontóloga, que não é boba nem nada, e não perde oportunidade de expor o paleontólogo cônjuge, guardou o desenho, pensando no tanto que o item poderia render em um evento futuro, principalmente com o valor agregado do fato aqui relatado.

Infelizmente, o valioso item foi mais uma das irrecuperáveis perdas do incêndio do Museu Nacional em 2018, porém restou um arquivo digital, prova incontestável da verdade dos fatos, além, é claro, da memória das inúmeras testemunhas existentes.



O valioso nudes.



